

Blumenau em cadernos

TOMO XXXI

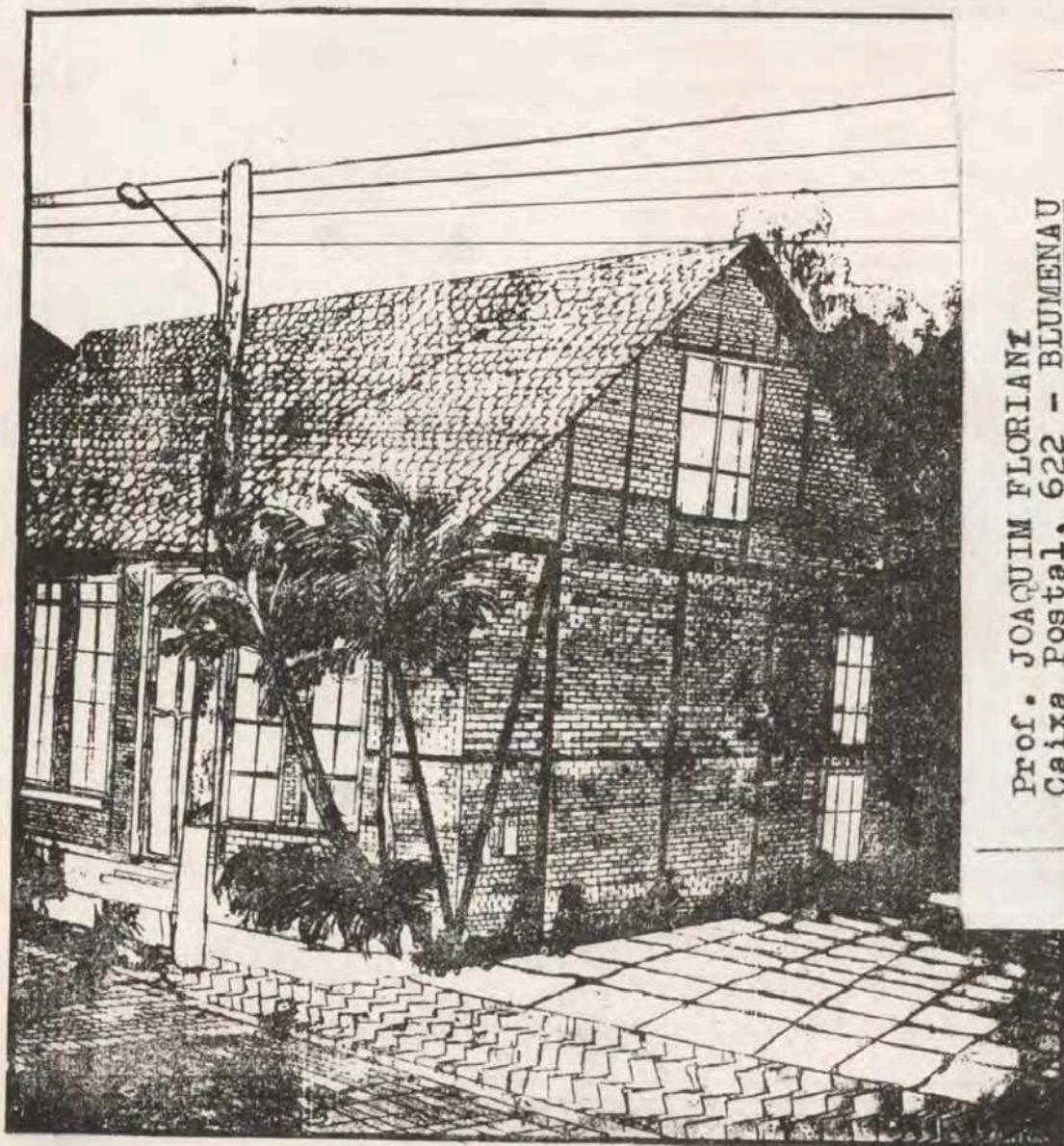
Nov/Dez de 1990

Nº. 11/12

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



Prof. JOAQUIM FLORIANI
Caixa Postal, 622 - BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXI

Nov/Dez de 1990

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

A descendência Cornélio de Arzão em Santa Catarina	254
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	267
«A Cruz do Campo»	270
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local	271
Subsídios históricos	275
Uma blumenauense de 80 anos conta sua vida	276
O custo do imposto sobre o fumo no século passado	291
Autores catarinenses	293
Baturité	296
A Colônia Polonesa em Santa Catarina	297
Termos de um contrato de arrendamento da gráfica e jornal «Imigrant» do século passado	308
A nossa mensagem	310
Aconteceu... — Outubro de 1990	311
A Orquestra de Câmara de Blumenau maravilhou os europeus	316

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 650,00 + 350,00 (porte) = Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 50,00 — Atrasado Cr\$ 100,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 1.200,00 + 800,00 (porte via aérea) Cr\$ 2.500,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

A DESCENDÊNCIA CORNÉLIO DE ARZÃO EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

Cornélio de Arzão, natural de Flandres (cf. FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO, Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, 1989, p. 44 e ss.), veio para o Brasil, em 1609 com a missão de construir engenhos de ferro. Foi casado com Elvira Rodrigues, filha de Martim Tenório de Aguiar, com quem teve os seguintes filhos:

- 1º. — Cornélio Rodrigues de Arzão;
- 2º. — Brás Rodrigues de Arzão;
- 3º. — Manuel Rodrigues de Arzão;
- 4º. — Susana Rodrigues de Arzão;
- 5º. — Maria de Arzão;
- 6º. — Ana Rodrigues de Arzão.

Cornélio Rodrigues de Arzão, capitão-mor de Itu, foi casado com Catarina Gomes Correia, natural de Itu (ob. cit., p. 45), sendo que fez, em 1668 e 1671, duas entradas para o sertão, quando tomou rumo ainda desconhecido. Supomos que dele descendesse o Manoel Correia de Arzão (id. ib.), descobridor do ouro de Serro Frio, em 1701, que morreu em 1741, dado o "Correia" de seu nome.

Brás Rodrigues de Arzão, também capitão-mor de Itu (ob. cit., p. 44), foi casado com Ma-

ria Egipciaca Domingues, filha de Pero Domingues, o velho. Esteve no extremo sul, em 1651, acompanhando a bandeira escravagista de Domingos Barbosa Calheiros. Já em 1679, acompanhou Jorge Soares de Macedo nas diligências para a fundação da Colônia do Sacramento. Faleceu em 1692.

Manuel Rodrigues de Arzão, nascido em São Paulo, por volta de 1617 (ob. cit., p. 46), foi casado com Maria Afonso de Azevedo, filha de João Peres Canamares. Sua expedição de 1662 também teve rumo desconhecido. Teve os seguintes filhos:

- 3.1. — Manuel Rodrigues de Arzão Filho;
- 3.2. — Maria Rodrigues de Arzão Rosa;
- 3.3. — Antônio Rodrigues de Arzão;
- 3.4. — Salvador Rodrigues de Arzão.

Manuel Rodrigues de Arzão Filho, que não usava agnome, morto em 1698, foi casado com Maria de Azevedo Sá, havendo descendência desse casamento (id. ib.).

Maria Rodrigues de Arzão foi casada com Manuel da Rosa Guedes, com quem teve o filho Manuel Rosa de Arzão, casado, em 1706, com Maria de Moraes Navarro, natural de Itu, neta de

Antônio Raposo Tavares (ob. cit. 46). Possivelmente, ao que supomos, foi seu filho também o Francisco Rosa de Arzão (ob. cit., p. 45), que esteve nas Minas Gerais em 1714, dada a similitude de apelidos.

Salvador Rodrigues de Arzão (cf. FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO, Inventários Inéditos, Revista do Instituto de Estudos Genealógicos n. 6, São Paulo, 1939, pp. 251 e ss.), falecido em 1728, com testamento de 1720, não foi casado, mas teve, com "uma serva de casa por nome Inês", cinco filhos naturais:

- 3.4.1 — Pedro Dias de Arzão;
- 3.4.2. — Valentim Rodrigues de Arzão;
- 3.4.3. — Domingos de Arzão;
- 3.4.4. — Verissima de Arzão;
- 3.4.5. — Joana de Arzão.

Susana Rodrigues de Arzão (cf. LUCAS A. BOITEUX, Os Primeiros Moradores de Itajaí, Os "Arzão", Blumenau em Cadernos, Tomo I, n.º 3, janeiro de 1958, pp. 47 e ss.) foi casada com Pedro Dias Botelho, com quem, segundo Taunay, teria tido o filho João Dias de Arzão (cf. LUIZ GUALBERTO, Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina n. 1, 1902, pp. 60 e ss.), sesmeiro no Itajaí. Esse João Dias de Arzão seria filho de Maria Henriques e teria casado com Maria Pedrosa com quem teria tido o filho Domingos Francisco Francisque, o "Cabecinha", por alcunha, do que discorda L. A. BOITEUX (ob. cit., nota 1). Além disso, teria possuído a Fazenda Barra

Grande, posteriormente vendida a Francisco Gomes Galhardo e sua mulher Ana Vieira, que, de seu turno, venderam-na a Francisco Dias Bello, filho de Christóvão Dias Bello, natural das Grã-Canárias. Outro João Dias de Arzão, "mais tarde", diz L. A. BOITEUX (ob. cit., p. 48), foi casado com Maria do Rosário, com quem teve os seguintes filhos:

- a) — Pedro Dias de Arzão;
- b) — Luiz Dias de Arzão.

Dito Pedro Dias de Arzão era natural de São Francisco do Sul e casara, aos 10.6.1810, com Leonor Francisco Xavier, viúva de Marcelino José Martins e filha de Manoel de Sousa Rego e de Ana Francisca. Já Luiz Dias de Arzão, com propriedade à montante do Pocinho, na margem esquerda do Rio Itajaí, não teve informações familiares registradas por L. A. BOITEUX (id. ib.)

Em 1720 quando foi correição do Ouvidor Pires Pardiniho em S. Francisco do Sul, surge um Miguel Dias de Arzão e seu parente José Vieira de Arzão. Em 1794, Matias Dias de Arzão foi aquinhado com sesmaria em Itajaí, que parece ter sido a Fazenda do Arzão, depois de propriedade de D. Felícia Alexandrina de Azevedo Leão Coutinho. Em 1775, outrossim, o Capitão Antônio Marques Arzão andou à procura de minas nos sertões catarinenses, sendo que, em 1785, já vivia ele em Lagos. O Alferes José Vieira de Arzão, natural de S. Francisco, teve com Micaela Fernandes de Faria "moça solteira", os seguintes filhos:

- a) — Luiz Vieira de Arzão;
- b) — Rosa Maria do Nascimento.

c) — Joana Alves Pires Pedrosa.

Luiz Vieira de Arzão natural de S. Francisco, casou, aos 15.8.1729, no Desterro, com Inácia Peres da Silva Pedrosa de Araujo, natural de Santos, solteira e liberta, natural de Santos, filha de pai incognito e de Francisca Peres, com quem teve dois filhos Inácia e José Vieira de Arzão, batizado no Desterro, aos 18.6.1756, e casado com Esperança Francisca, filha de Antônio de Souza Santos e Francisca, com quem teve a filha Maria, batizada no Desterro, aos 04.11.1792 (id. ib.).

Rosa Maria do Nascimento casou, aos 25.4.1782, também no Desterro, com José Machado Batista, natural de São José, filho de Pedro Machado e de Antônia Batista, ao que supomos, ele natural da freguesia de N. S^a. da Dina (?) da Ilha Terceira, e ela da freguesia de Santa Maria da Ilha do Pico (batismo de Maria, aos 09.8.1751, (livro n. 4 da Matriz de N. S^a. do Desterro).

Joana Alves Pires Pedrosa amasiou-se com Antônio Alves Marinho, natural de São Francisco do Sul, filho de Antônio Alves Marinho e de Antônia Ribeiro Pedrosa, também naturais de S. Francisco, tendo legalizado, aos 27.7.1771, tal união de que tiveram cinco filhos:

- a) — Ana Alves;
- b) — Antônio Alves Marinho;
- c) — Rita Alves;
- d) — Maria Alves;
- e) — Luiz Alves Marinho.

Ana Alves, batizada no Desterro, aos 14.5.1776, lá casou, aos 19.6.1788, com Domingos de Lima, também natural de São Francisco, filho de Manuel da

Cunha e de Maria Ribeiro de Lima, com quem teve os seguintes filhos: Guiomar, batizada no Desterro, em 1^o.5.1794; Margarida, em 1^o.2.1796; Josefa, aos 28.1.1798; e José, aos 15.4.1800.

Antônio Alves Marinho, batizado no Desterro, aos 28.7.1770, onde casou, aos 24.10.1795, com Ana Joaquina, filha de Caetano Francisco e de Maria Joaquina, viúva de Antônio José Maia, teve a filha Carolina, batizada aos 08.8.1802, também no Desterro.

Rita Alves casou, aos 14.9.1796, com João (ou José) Pereira Machado, filho de Manoel Pereira Machado e de Felipa Rosa de Sant'Anna, com quem teve os filhos: Bernarda, batizada aos 15.10.1797, e João, aos 15.04.1799.

Maria Alves casou, aos 16.6.1804, com Inácio Antônio, filho de Inácio da Silva e de Maria Josefa.

Já Luiz Alves Machado casou, aos 16.7.1815, também no Desterro, com Rita do Espírito Santo, filha de Inácio José de Barros, com quem teve a filha Maria, batizada aos 24.1.1814 (L. A. BOITEUX, ob. cit.).

Os sobreditos Manoel Pereira Machado e Felipa Rosa de Santa Ana também tiveram o filho Vitorino Pereira Álvares, natural de São José, casado, aos . 21.6.1798 (livro n. 4 da Matriz de N. S^a. do Desterro), com Ana Joaquina, filha de José Dias de Abreu e de Maria Joaquina. Encontramos igualmente, aos..... 30.1.1806 (id. ib.), o casamento de um João Alves Marinho natural de São Francisco, filho de Salvador Alves Marinho e de Maria Moreira, com Clara Soares, natu-

ral do Desterro, filha de Antônio de Sousa e de Rosa Inácia. Seriam, provavelmente, parentes do susodito Antônio Alves Marinho. Por outro lado, em São Francisco do Sul, aos 21.9.1804 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça), batizou-se Josefa, filha de Francisco Alves Marinho e de Maria Moreira da Costa, e materna de José Dias de Siqueira e de Maria de Castilhos, esta morta aos 09.3.1790, com cerca de 40 anos de idade (livro n. 1 de S. Francisco do Sul). Essa gente, ao que supomos, descendia do Francisco Alves Marinho, coevo do fundador Manoel Lourenço de Andrade, que trocara suas terras na Ilha de São Francisco do Sul por outras no Parati, a fim de que se edificasse a vila em melhor lugar (cf. LUIZ GUALBERTO, Fundação da Cidade de São Francisco do Sul, p. 69). Filho do referido Francisco Alves Marinho e neto do Salvador Alves Marinho foi o José Alves Marinho, casado, de seu turno, com Antônia Dias de Siqueira, filha de João Dias de Siqueira e de Marta da Maia, neta paterna de Luiz Dias de Siqueira e de Catarina Cardoso, e materna de João da Maia e de Clara de Oliveira, conforme batismo do filho Antônio, aos 26.10.1828 (livro n. 8 da Matriz de N. S^a. da Graça).

No "forum" de Ibirama, encontramos afixados editais onde constam os nomes de descendentes de Cornélio Arzão, muita vez estropiado pela pronúncia irregular, como foi o caso de um "Arrazão". De qualquer forma, porém, são testemunhos da importância da família para o povoamento de Santa Catarina.

Em 1794, Matias, ou Mateus,

cu, ainda, Mathias Dias de Arzão foi aquinhoado com sesmaria em Itajaí, que parece ter sido a Fazenda do Arzão, depois de propriedade de D. Felícia Alexandrina de Azevedo Leão Coutinho (cf. OSWALDO RODRIGUES CABRAL (História de Santa Catarina, 1970, p. 213). Sem embargo de ser proprietário de tais terras, há informação de que lá não teria residido, o que não consideramos plausível, em virtude de, nos registros eclesiásticos da Penha, então Capela de São João Batista de Itapocoróia, ser constante a presença de seus escravos. Ademais, também encontramos inúmeros assentos religiosos de seus decedentes, o que, a nosso sentir, elide e ilide tal boato. Bastaria perguntar-se: quem administraria seus escravos? Os filhos dele? Mas, se sua família estava lá radicada, por que não ele em pessoa? Verdade seja que não logramos descobrir nenhum registro eclesiástico onde Matias Dias de Arzão tenha sido padrinho ou testemunha, numa época em que até os analfabetos o faziam, assinando em cruz ou mediante sinal. Tal fato, porém, não infirma nossa conclusão, pois tanto pode ter morrido antes dos primeiros registros eclesiásticos, como é ilícito supor, quanto andado pelo sertão adentro em demanda de minerais, na esteira da tradição de sua família. Assim é que, por exemplo, batizou-se, aos..... 05.10.1806 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça), o escravo Vicente, nascido aos 15 de setembro do mesmo ano, filho de Antônio e de Felipa, "escravos de Mathias Dias de Arzão", sendo padrinhos Antônio e Cecília, escravos do Ten. André Borges Pitta.

Do mesmo modo, aos 08.6.1806 (id. ib.), batiza-se Helena, filha de João e de Mariana, "escravos de Mathias Dias de Arzão".

Para se verificar quão parcos foram os estudos sobre essa família dos primeiros tempos de Santa Catarina, basta notar a quantidade de dúvidas que ainda existem acerca dela, inclusive quanto ao local da primeira sesmaria concedida ao primeiro João Dias de Arzão: Itajai ou Acaraí? Só mesmo estudos minudentes poderão aclarar tais dúvidas. E não é questão de lana caprina o dissipá-las, pois adentra-se em toda a História de Santa Catarina, no que pertine ao povoamento mais antigo e não açorita.

O Capitão ANTÔNIO Marques de Arzão, informa L. A. BOITEUX (id. ib.), em 1775, andava à procura de minas nos sertões catarinenses, sendo que, em 1785, já vivia ele em Lages. Entretanto, ENEDINO BATISTA RIBEIRO (Mateus José de Sousa, "in" O Independente, S. Joaquim, edição de 23.12.1978, p.1) informa que MANOEL Marques de Arzão foi o proprietário da famosa Fazenda do Socorro, termo de S. Joaquim da Costa da Serra, do Município de Lages, vendida, por escritura particular de 20.4.1775, a Mateus José de Sousa. Já BOAVENTURA LOPES PINTO DE ARRUDA (carta parcialmente transcrita na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, p. 334) revela que a Fazenda Santa Bárbara pertenceu aos irmãos ANTÔNIO e JOSÉ Marques Arzão, sendo que um deles era sacerdote jesuíta, refugiando-se na dita fazenda por volta de 1759, quando foi da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal. LI-

CURGO COSTA (O Continente das Lagens, Vol. 1, 1982, p. 205) refere-se tão-só de passagem ao Capitão ANTÔNIO Marques de Arzão, mercê da sociedade com o Capitão Antônio José da Costa, em 1788, para construção da estrada para Lages. WALTER F. PIAZZA (Santa Catarina: sua História, pp. 177 e 667) menciona o Capitão ANTÔNIO Marques de Arzão apenas como construtor da sobredita estrada, iniciada em 1788 e concluída em 1790. Finalmente, OSWALDO R. CABRAL (História de Santa Catarina, 1970, p. 356) informa que o Capitão ANTÔNIO Marques de Arzão obteve, em 1792, sesmaria de três léguas por uma, no lugar denominado Bom Retiro, onde descobrira vastos campos. Temos, portanto, a Fazenda do Socorro, a sesmaria do Bom Retiro e a Fazenda Santa Bárbara como pertencentes à família ARZÃO, mas três seriam já os desse apelido: ANTÔNIO, MANOEL e JOSÉ. Como restabelecer a verdade histórica? Em documento acostado aos autos da célebre questão de limites com o Paraná (Arquivos do STF) encontramos, na relação dos moradores da serra, em 1766, o nome de ANTÔNIO Marques de Arzão, acompanhado de mais duas pessoas. Quem seriam? Escravos, o dito padre e seu irmão?

Matias ou Mateus Dias de Arzão e sua mulher Isabel Nunes da Silva, ambos naturais de Paranaguá, teriam tido os seguintes filhos, pelo que logramos descobrir:

1. — Joana Dias de Arzão;
2. — Maria Engrácia de Arzão;
3. — Ana Dias de Arzão;

4. — Bernarda Nunes de Arzão;
5. — Pedro Dias de Arzão;
6. — Floriana Rosa da Silva;
7. — Antônio Dias de Arzão;
8. — Maria da Graça.

Joana Dias de Arzão foi a primeira mulher de José Correia de Negreiros, natural da Capela de São João Batista de Itapocoróia, filho de Alexandre Correia de Negreiros, natural do Algarve, e de Maria Bayard da Costa, natural da Capela de São João Batista de Itapocoróia. Joana Dias de Arzão deve ter morrido em... 1813, pois aos 31.7.1814 (livro n. 1 da Penha), no batismo de outro filho Agostinho, José Correia de Negreiros já surge casado com sua segunda mulher, Antônia de Oliveira, filha de Pedro de Oliveira e de Clara Mendes. Joana Dias de Arzão e José Correia de Negreiros tiveram os seguintes filhos, por sua vez:

1.1 — Floriana Correia de Negreiros, que, aos 15.9.1805 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça), batizou o filho natural Isidoro;

1.2. — Thomás Correia de Negreiros, casado com Joana Lopes de Moura, filha de João Lopes de Moura e de Josefa Gonçalves Correia Lamim, moradores no Itapocu, ele, muito provavelmente, descendente daquele Ajudante Lopes de Moura, que, no caminho das minas do Itapocu, perpetrou homicídio, com quem teve a filha Maria, batizada aos 16.10.1806 (livro n. 5 cit):

1.3. — Jacinto Correia de Negreiros, casado com Caetana Pereira de Jesus, filha de Inácio Lopes Pereira do Rosário e de Antônia Gonçalves Correia Lamim, conforme batismo da filha

Juliana, aos 09.2.1806 (livro n. 5 cit.);

1.4. — Agostinho Correia de Negreiros, casado com Antônia do Nascimento, filha de Pedro Peres e de Maria Pereira, neta paterna de Pedro Peres, "homem espanhol", e de Maria Vicente, e materna de Inácio Lopes Pereira e de Antônio Gonçalves Correia Lamim, conforme batismo do filho Inácio, aos... 13.3.1817, e de outros registros eclesiásticos (livro n. 1 da Penha);

1.5 — Avaristo ou Evaristo Correia de Negreiros, casado, de seu turno, com Ana dos Santos, filha de Pedro dos Santos e de Francisca Moreira, neta paterna do espanhol José Sanchez e de Estella Rodrigues de Faria, e materna de Inácio Pereira da Luz e de Rosa Francisca de Castilho, conforme batismo da filha Maria, aos 10.11.1814 (livro n. 1 da Penha), e de outros assentos eclesiásticos (id. ib.);

1.6. — Fidélis Correia de Negreiros, casado, no seu tempo, com Feliciano Maria do Espírito Santo, filha de Domingos Sousa de Miranda e de Maria Lamim, conforme batismo do filho Manoel, aos 20.6.1814 (livro n. 1 da Penha).

No inventário dos bens do Tenente Francisco Lourenço da Costa, em 1842 (Arquivo judiciário francisquense), que devia ser forte comerciante das proximidades do Rio Itajaí, sua viúva Justina Rosa declarou os seguintes débitos de moradores da região, dentre outros: Luiz Dias de Arzão, no Rio Itapocu, 800\$000 réis; Fidélis Correia, Itajaí, 13\$200; Fidélis Correia de Negreiros, 42\$730; Jacinto Cor-

reia de Negreiros, 20\$160; Bento José da Costa, 27\$980; Agostinho Correia de Negreiros, 66\$170; Sebastião de Amorim, 62\$160; João Correia de Negreiros (neto de Joana?), 3\$640; Antônio Dias de Arzão Pindahiba, 20\$840; Manoel Correia de Negreiros (neto de Joana?), 12\$800 e Antônio Dias de Arzão, 3\$700.

Um João Luiz Dias de Arzão filho de Luiz Dias de Arzão, morava em Gaspar, por volta de . . . 1842 (cf. O. R. CABRAL, Antigos Moradores de Gaspar, Blumenau em Cadernos, Tomo I, p. 68). Um Antônio Dias de Arzão, "juiz de paz respeitável e rico", morreu aos 21.11.1843 (cf. ANTONIO DA COSTA FLORES, Reminiscências, Blumenau em Cadernos, Tomo II, n. 8, p. 165).

Além dos acima referidos, José Correia de Negreiros e Joana Dias de Arzão, a filha de Matias, também tiveram os filhos:

1.7. — Floriana Rosa, casada, aos 16.12.1807 (livro n. 1 da Penha), com José Francisco Cravo, viúvo de Inácia Gonçalves, filho de José Francisco, natural da Laguna, e de Josefa Gonçalves;

1.8. — Faustino Correia de Negreiros, casado com Antônia Maria do Nascimento, filha de Bento Pereira e de Maria, que já eram falecidos em 1821, conforme batismo do filho Justino, aos 19.3.1821 (livro n. 1 da Penha);

1.9. — Antônio Correia de Negreiros, casado com Celestina ou Catarina Maria de Oliveira, natural de São Miguel, filha de João Amorim Lima e de Teodora de Moura; conforme batismo da filha Francisca, aos 02.1.1795 (id. ib.), que foi a Francisca Rosa, casada, à sua vez com Antônio Álvares do Nascimento, natu-

ral da freguesia de N. S^a. da Conceição de Morretes de Paranaguá, filho de Leonardo Ferreira e de Maria Joaquina de Assunção, conforme batismo da filha Caetana, aos 18.9.1821 (livro n. 2 da Penha), tendo por padrinhos Jacinto Alves de Ramos e D. Ana Maria de Ramos, por procuração apresentada por José Francisco de Oliveira:

1.10. — Joaquina Correia de Negreiros, casada com Manoel José Henriques, com quem teve a filha Maria Henriques, casada, por seu turno, com José Gonçalves de Ramos, filho de Salvador Gonçalves de Guimarães e de Isabel Francisca. Essa Maria Henriques e José Gonçalves de Ramos foram os pais de Maria de Ramos, casada com Lourenço dos Santos, aos 18.5.1815 (livro n. 1 da Penha), filho de Caetano dos Santos e de Isabel Dias de Jesus, neto paterno de Pedro dos Santos e Francisca Ribeiro, e materna de João Dias "Arenzo" e de Maria Rodrigues. Joaquina Correia faleceu aos 6.2.1799, com cerca de 58 anos de idade, ainda casada com Manoel Henriques (livro n. 1 da Penha).

Maria Engrácia de Arzão foi casada com Antônio Pinto, filho de Manoel Gomes, natural da freguesia de S. Pedro do Paraíso, Bispado do Porto, e de Antônia Pinto, natural do mesmo lugar: segundo o batismo da filha Rita, aos 15.4.1806 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça). Não sabemos se essa Maria Engrácia não seria a Maria da Graça, casada, em primeiro leito, com José Henriques, filho do espanhol Diogo José Henriques e de Maria Cardoso, esta natural do Rio de S. Francisco, de acordo com o

batismo do filho Salvador, aos . . . 05.8.1794 (livro n. 1 da Penha).

Ana Dias de Arzão foi casada com Joaquim Alves dos Santos, filho de Manoel Alves dos Santos e de Joana Maria de Sousa, naturais do Porto, conforme batismo do filho Manoel, aos 26.9.1806 (livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça).

Bernarda Nunes de Arzão foi casada com Sebastião José de Amorim, filho de João de Amorim e de Theodósia Moreira naturais de S. Miguel, segundo o batismo da filha Teresa, aos 02.6.1805 (livro n. 5 cit.).

Pedro Dias de Arzão, filho de Matias e homônimo de filho de Salvador Dias de Arzão, foi casado com Ana de Moura, filha de Lourenço de Moura de Oliveira e de Joana Correia conforme batismo da filha Maria, aos 09.6.1811 (livro n. 1 da Penha). Aos 08.10.1808, quando foi de seu casamento (id. ib.), Pedro Dias de Arzão foi nomeado Pedro Nunes da Silva, certamente para diferenciar-se de seu parente homônimo. Sua mulher chamou-se Ana Rita de Jesus, sendo os nubentes dados como naturais daquela capela de S. João Batista de Itaporóia.

Floriana Rosa da Silva ou Florência Nunes da Silva foi casada, em primeiras núpcias, com José Antônio Nunes, natural de Paranaguá, filho de José Nunes e de Maria da Costa, também naturais de Paranaguá, conforme batismo do filho Thomás, aos . . . 06.10.1806 (livro n. 5 cit.) Em segundo leito, foi casada com Francisco Rangel de Mendonça, filho de Antônio Rodrigues Couto e de Ana Rangel de Brito, naturais da Vila do Pillar, confor-

me batismo da filha Thomásia, aos 28.10.1816 (livro n. 1 da Penha).

Antônio Dias de Arzão, homônimo de outro ou de outros, na mesma época e no mesmo lugar, foi casado com Úrsula Maria da Conceição, filha de João Rodrigues de Ozedas, ou Urzedas, ou da Luz, e de Ana Francisca da Conceição, segundo o batismo do filho Manoel, aos 18.4.1814 (livro n. 1 da Penha). Outro Antônio Dias de Arzão, mas filho de Salvador Dias de Arzão e de Ana Alves, foi casado com Alexandrina Maria, filha natural de Maria Jaques, conforme batismo do filho Feliciano, aos 03.11.1816 (id. ib.).

Maria da Graça (v. supra) também poderia ser a Mariana Dias de Arzão, também filha de Matias de Arzão, casada com Francisco Ferreira do Vale, "natural da Matriz", filho de Manoel Ferreira do Vale, morto aos 25.10.1793 (livro n. 1 da Penha), com cerca de 60 anos, e de sua primeira mulher Maria Rosa da Conceição.

Ainda não logramos descobrir quem fossem os pais de Matias (ou Mateus) Dias de Arzão. Todavia, aos 29.4.1793 (livro n. 1 da Penha), faleceu Ana, casada com Antônio Dias de Arzão, "moradores no lugar do Rio de Taja-hy" (sic), com 90 anos de idade "pouco mais ou menos" (v. também Blumenau em Cadernos, Tomo III, n. 4, abril de 1960, p. 68), sendo que seu marido, também já nonagenário, faleceu aos 22.8.1796 (id. ibidem). Um João Dias de Arzão, também morador do Rio Itajaí e ainda casado com Maria do Rosário, faleceu aos 04.11.1787 (livro n. 1 da Pe-

nha). Em 1º.1.1801 (id. ib.), faleceu Felipe, de nove anos de idade, filho legítimo de Salvador Dias de Arzão e de Ana Alves, cujo corpo foi sepultado "no cemitério de Barra Velha". O sobredito João Dias de Arzão e sua mulher Maria Francisca do Rosário foram os pais de Salvador Dias de Arzão, casado com Cipriana Maria Benz, conforme batismo da filha Rosa, aos 30.8.1816 (livro n. 1 da Penha). Ao que supomos Salvador Dias de Arzão fora antes casado, em primeiro leito, com Ana Alves e depois, em segundas núpcias, com Cipriana Maria. Assim, o referido Salvador Dias de Arzão teria tido os seguintes filhos:

1. — Felipe Dias de Arzão, de seu primeiro leito com Ana Alves, sepultado na Barra Velha, em 1º.1.1801, com cerca de nove anos de idade, conforme se viu acima;

2. — Rosa Maria Dias, também do primeiro leito, casada com Salvador Antônio dos Santos, filho de Antônia Nogueira, conforme batismo do filho Antônio, aos 10.11.1813 (livro n. 1 da Penha):

3. — Joana Dias de Siqueira, que, aos 14.12.1805 (livro n. 5 de batismos de S. Francisco), batizou o filho natural Luiz, quando a avó materna é dada como sendo Ana Luiz;

4. — Pedro Dias de Arzão, também do primeiro leito de Salvador Dias de Arzão, homônimo do filho de Matias, casado, em primeiras núpcias, com Teresa da Silva, aos 06.10.1810 (livro n. 1 da Penha), filha de Manoel Ferreira Gomes, já falecido, e de Inácia Gonçalves, e, no segundo leito, com Maria de Miranda, filha

de José de Miranda e de Ângela Teixeira, conforme batismo do filho Bibiano, aos 03.1.1833 (livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça). De seu primeiro leito, com Teresa da Silva, Pedro Dias de Arzão teve a filha Felícia Dias de Arzão, casada, por seu turno, com Joaquim Nogueira Gonçalves, filho de Mathias Nogueira e de Maria Carvalho, conforme batismo do filho Jacinto, aos 11.11.1833 (livro n. 8 cit.)

5. — Vitoriano Dias de Arzão, casado com Florinda Rosa, filha de Floriano Henriques e de Thomásia dos Santos, neta paterna de Manoel Rodrigues e de Joaquina Correia, e materna de Pedro dos Santos e de Francisca Ribeiro, segundo o batismo do filho Florentino, aos 03.6.1833 (livro n. 8. cit.);

6. — João (ou José) Firmiano Dias, casado com Lucinda Maria, filha de João Alves Cordeiro e de Maria Cardoso, de acordo com o batismo da filha Maria, aos 16.12.1830 (livro n. 8 cit.).

Parece que todos os descendentes de Salvador Dias de Arzão moravam no Sertão do Itapocu. Ana Alves, sua mulher, era filha de Domingos Luiz, natural de S. Francisco, e de Maria Alves, natural de Paranaguá, conforme batismo da filha Maria, aos 24.9.1791 (livro n. 1 da Penha), não referida acima.

João Dias de Arzão e Maria Francisca do Rosário também foram os pais de Maria de Jesus, casada, por seu turno, com Manoel Fernandes Ceia e de Salvadora Vellean, do Reino de Múrcia, conforme batismo do filho Luciano, aos 27.11.1791 (livro n. 1 da

Penha), que foi o Luciano José de Campos, morador do Arraial de Belchior, em 1842 (cf. OSWALDO RODRIGUES CABRAL, Antigos Moradores de Gaspar, Blumenau em Cadernos, Tomo I, p. 68), casado, na sua vez, com Antônia Maria do Espírito Santo, filha de Manoel Antônio de Miranda, já falecido em 1822, e de Ana Henriques, aos 02.11.1814 (livro n. 1 da Penha), com quem teve o filho Manoel, batizado aos 19.5.1822 (id. ibidem). Também foi o filho de João Dias de Arzão e de Maria Francisca do Rosário o Antônio Dias de Arzão, homônimo do filho de Mathias, casado, em primeiras núpcias, com Francisca Luiza, filha de Francisco Luiz de Castro e de Margarida Marques, conforme batismo da filha Isabel, aos 24.7.1791 (id. ib.).

Já Antônio Dias de Arzão e Ana Maria da Conceição tiveram a filha Ana Maria da Conceição, casada, aos 17.10.1814 (livro n. 1 da Penha), com Bento José da Costa, natural de Paranaguá, filho de pai incógnito e de Rosa Maria de Jesus. Parece que foi esse Bento José da Costa quem, em 02.4.1824, testemunhou a doação do terreno da igreja (cf. LUCAS A. BOITEUX, Itajaí, de Fazenda à Cidade, Blumenau em Cadernos, Tomo II, p. 128).

João Dias de Arzão e Maria de Jesus, naturais de São Francisco, também tiveram o filho Francisco Dias de Arzão, casado, em segundo leito, com Florinda Maria, filha de Pedro Romero de Barcelos e de Apolônia Alves da Silva, conforme batismo do filho João, aos 08.7.1821 (livro n. 1 da Penha). Mas, perguntamos seriam os acima referidos? A ho-

monímia dificulta sobretudo a identificação.

Uma Francisca Dias de Arzão foi casada com José Alves de Siqueira, com quem teve a filha Maria Alves, casada, de seu turno, com Miguel Nunes da Fonseca, filho de Manoel Nunes e de Brites da Fonseca, naturais do Rio de Janeiro, conforme batismo do filho Francisco, aos..... 04.10.1812 (id. ib.).

Salvador Dias de Arzão e Ana Álvares também tiveram a filha Rosa Antônia, casada, aos... 02.11.1812 (livro n. 1 da Penha) quando a mãe dela já era falecida, com Salvador Antônio, "exposto em casa de Manoel Nogueira". Antônio Dias de Arzão, o filho de Mathias Dias de Arzão, e sua mulher Úrsula Maria também foram os pais de Severino Dias de Arzão, casado, a seu tempo, com Maria Rosa, conforme batismo da filha Matilde, aos.... 02.7.1822 (livro n. 2 da Penha). De outra banda, Pedro Romeiro de Barcelos e sua mulher Apolônia da Silva, acima referidos, tiveram sua filha Ana, de seis anos, sepultada, aos 02.8.1791; "no cemitério de Tajahy", quando eles são dados como moradores nas margens daquele rio" (livro n. 1 da Penha).

Isabel Dias de Arzão, filha de Antônio Dias de Arzão e de Francisca Luiza, neta paterna de João Dias de Arzão e de Maria do Rosário, e materna de Francisco Luiz e de Margarida Marques, teve a filha natural Florência, batizada aos 12.3.1814 (livro n. 1 da Penha, onde os assentos foram feitos supletivamente). Já Antônia Francisca, filha de João Dias de Arzão e de Maria do Rosário, foi casada com Manoel Vi-

eira, filho de Manoel Martins e de Josefa da Conceição, naturais de São Miguel, ou da Ilha Terceira, conforme batismo do filho Joaquim, aos 04.4.1812 (id. ib.), e da filha Joana, aos 16.10.1814 (id. ib.). No batismo de Maria aos 13.3.1808, seus pais são Joaquim Alves dos Santos, filho de Manoel Alves e de Joana Maria de Sousa, e Ana Maria, filha de Mathias Dias de Arzão e de Isabel Dias Nunes (id. ib.).

Uma Vicência Dias de Arzão, filha de Paulo Dias de Arzão e de Joana de Oliveira Arzão, batizou um filho natural aos 09.7.1796, em São Francisco do Sul, cujo nome não logramos apurar (livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça). Uma Apolônia Dias de Arzão, morta aos 07.5.1799 (livro n. 1 de óbitos de S. Francisco, composto de folhas avulsas restauradas, foi casada com Salvador da Costa, com quem teve o filho Mathias da Costa, morador da Capela de São João Batista de Itapocoróia, onde foi casado com Ana Joaquina, natural da freguesia de Santo Antônio da Ilha de Santa Catarina, filha de Manoel Coelho da Rocha, natural da Ilha Terceira, e de sua segunda mulher Teresa Rosa de Jesus, conforme batismo do filho José, aos 09.9.1797, nascido em 1^o do mesmo mês (livro n. 5) da Matriz de N. S^a. da Graça). Um Francisco de Oliveira de Arzão foi casado com Catarina Dias de Oliveira, ou Catarina Antunes, com quem teve a filha Maria Dias de Oliveira, ou Ana de Oliveira, casada, por seu turno, com João Rabello, filho de João Rabello da Fonseca e de Maria Ribeiro, conforme batismos dos filhos: José, aos 25.3.1798 (livro n. 5 cit.), e Fernando, aos 19.8.1804 (id.

ib.). Outro Francisco Rodrigues de Arzão foi casado com Páscoa de Oliveira, ou Clara Tavares, com quem teve o filho Miguel Rodrigues de Arzão, casado, no seu tempo, com Josefa Correia, filha de João Mendes e de Joana Ferreira, segundo o batismo da filha Clara, aos 12.3.1799, com indicação à margem de que era "bastarda" (id. ib.). O mesmo Francisco Rodrigues de Arzão teve a filha Francisca Rodrigues, casada por seu turno, com Inácio Alves de Siqueira, com quem teve a filha Teresa, batizada aos 15.6.1798 (id. ib.) Inácio Alves de Siqueira, que fora dado como "indio" pelo Rev. Pe. Bento Barbosa de Sá Freire de Azevedo Coutinho, em outro registro, foi casado, em primeiro leito, com Felipa Dias da Silva, sendo filho de Gregório Alves de Siqueira e de Maria Rodrigues. Um Salvador Dias de Arzão, casado com Teresa Pereira da Silva, foi pai de Ana Pereira da Silva, casada, por sua vez, com Manoel Ribeiro da Silva, filho de Luiz Ribeiro da Silva e de Francisca Lemos, naturais de S. José dos Pinhais, conforme batismo do filho Leandro, aos 22.3.1799 (livro n. 5 cit.), com a indicação à margem de que era "branco". A já referida Vicência Dias de Arzão, filha de Paulo Dias de Arzão e de Narcisa Correia, também teve o filho natural Salvador, batizado aos 06.4.1800 (livro n. 5 cit.). Apolônia Dias de Arzão e Salvador da Costa também tiveram a filha Maria da Costa que aos 25.7.1802 (id. ib.), batizou a filha natural Ana; além de Paula Dias da Costa, casada com Antônio Alves da Rosa, filho de Manoel da Rosa e de Maria Alves de Siqueira, conforme batismos dos

gêmeos Francisco e Francisca, aos 03.4.1804 (livro n. 5 cit.).

Salvador da Costa e Apolônia Dias de Arzão, igualmente, foram os pais de Tiago da Costa, que já era falecido em 1806, casado com Maria Ribeira, filha de José Gonçalves Galhardo e de Maria da Silva, neta paterna de Lourenço de Arriola e de Maria Ferreira e materna de Joaquim Ribeiro da Silva e de Leonor Peres, naturais de São José dos Pinhais, conforme batismo de Ângela, aos..... 21.9.1806 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça). Salvador da Costa, já viúvo, faleceu aos... 11.5.1790, com mais de 100 anos de idade (livro n. 1 de óbitos de S. Francisco do Sul).

Os já referidos Salvador Dias de Arzão e Ana Alves teriam tido, pois, os seguintes filhos:

1. — Feliciano Antônio, casada com Antônio Gomes do Espírito Santo, filho de Manoel Teixeira e de Inácia Fernandes, de acordo com o batismo do filho Francisco, aos 30.9.1804 (livro n. 5 da Matriz de N. S^a. da Graça);

2. — Felipe Dias de Arzão, morto em pequeno (v. supra);

3. — Rosa Maria Dias (v. supra);

4. — Joana Dias de Siqueira (v. supra);

5. — Pedro Dias de Arzão (v. supra);

6. — Vitoriano Dias de Arzão (v. supra)

7. — João Firmiano Dias (v. supra)

LUCAS A. BOITEUX (Faisqueiras d' Itajaí, Blumenau em Cadernos, Tomo I, n. 4, fevereiro de 1958, (pp. 63 e ss) informa que um Miguel Dias de Arzão, em 1771, estava a pesquisar metais na Enseada das Garoupas, quan-

do já residia em São Francisco do Sul, depois de ter sido morador do Rio de Itajaí. O significativo desse informe é a preocupação com os metais preciosos, tradição multiseccular dessa família de mineradores. Não por acaso, seus decendentes são encontrados nas proximidades das minas do Taió, do Rio Itajaí, do Rio Itapocu e de qualquer outro lugar em que se suspeitasse de jazidas metalíferas.

JEAN R. RUL (Os Colonizadores do Vale do Itajaí, "in" Blumenau em Cadernos, Tomo XVIII, n. 7, julho de 1977, p. 210) avança a hipótese de ser D. Felícia Alexandrina, segunda mulher do Capitão Alexandre José de Azevedo Coutinho, da família Arzão, haja vista do fato de ser ela a segunda proprietária da Fazenda do Itajaí, antes de propriedade de Mathias Dias de Arzão. Sua filha, Carolina de Merlo (?) de Azevedo Coutinho, batizada em São Miguel, fora casada com Benigno Lopes Monção, uruguaio, natural de Paisandu, de onde veio, entre 1814 e 1818, para o Desterro, com os pais Félix Lopes, relojoeiro, natural de Biscaia, Espanha, e Juliana Monção, e mais cinco irmãos (id. ib.). Moravam no Estaleiro das Naus do Pocinho. Entretanto, no batismo de Maria, aos 17.11.1816 (livro n. 1 da Penha), filha de Pedro e de Engrácia, "naturais da Costa da Guiné", seus pais são dados como "escravos cativos de D. Felícia de Pontes", o que parece indicar seu apelido de solteira: PONTES. O único desse apelido que encontramos na Penha, supondo-se que ela fosse de lá, foi Antônio da Silva Pontes, natural da freguesia de São Martinho de Lontello (?) do Oiro, em Por-

tugal, filho de Jacinto da Silva, natural da Terra da Feira, e de Margarida de Jesus, natural de São Miguel, filha de João Duarte e de Úrsula dos Anjos, ambos naturais da Ilha Terceira, conforme batismo da filha Narciza, aos... 20.4.1795, nascida aos quatorze do mesmo mês e ano (id. ib.). Curiosamente, foram padrinhos da escrava Maria, filha dos cativos de D. Felícia, "Antônio e Felipe, escravos de Mathias Dias de Arzão". Se este já fosse morto a esse tempo, ter-se-ia dito "escravos do finado Mathias Dias de Arzão", ou, ainda, "escravos dos herdeiros de Mathias Dias de Arzão". A informação, portanto, nada esclarece, ao revés, traz mais dúvidas ainda para a questão. De qualquer modo, não podemos abonar a hipótese de JEAN R. RUL acima referida.

LUCAS A. BOITEUX (O Itajai-mirim, Seus Primeiros Desbravadores, Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n. 1, janeiro de 1961, p. 2) acreditava na hipótese de "João Dias de Arzão e sua gente", no último quartel do séc. XVII, serem os primeiros exploradores do Itajai-mirim, sem alcançar, no entanto, suas cabeceiras. Parece haver, aí, ligeira contradição com o que dissera anteriormente no bosquejo geonológico sobre a família Arzão (v. supra), quando afirmara que João Dias de Arzão em 1680, próximo da época em que foi juiz ordinário de São Francisco do Sul, teria penetrado o sertão até Buenos Aires. Essas informações ele as devia a LUIZ

GUALBERTO, que também informou o assassinato de João Dias de Arzão, em 1698, por um carijó administrado por Manoel Dias Velho, irmão do fundador da povoação do Desterro, depois mortos — o carijó e Manoel Dias Velho — por Ascenso Dias, filho bastardo de João Dias de Arzão. É do domínio da evidência, pois, que, se, o dito bandeirante pôde ir até as proximidades de Buenos Aires, esteve e passou pelas referidas cabeceiras, salvo se outro rumo tivesse trilhado.

A presença da família de João Dias de Arzão, todavia, continuou a ser registrada em Santa Catarina, após a morte dele, como se vê no José Dias de Arzão, natural de São Francisco, "moço alto e bonito", que M. J. DE ALMEIDA COELHO (apud CARLOS DA COSTA PEREIRA, "in" A Alcinha de BARRIGA VERDE Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, n. 1, p. 15) diz ter respondido, no fragor da batalha, ao cabo Pedro Fernandes, que o inimigo atirara em suas pernas finas para que ele não os procurasse.

Outro exemplo da presença de seus descendentes em Santa Catarina é o do Felício Dias de Arzão, que, em 1864, era titular do lote urbano n. 16 em Gaspar (v. O Centenário de Gaspar, Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n. 4, abril de 1961). E, muito de indústria, perguntamos: o cano-eiro Ângelo Dias, que acompanhou e conduziu o Dr. Blumenau para sua nova colônia, não teria sido também um descendente da família Arzão?

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (XVI)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1940

Termo 1: Celebração durante o ano da devoção ao Sagrado Coração, a cada mês.

Termo 2: Comunhão de crianças e congregados no 1º. domingo do mês. Nos 3º.s, para as filhas de Maria e nos 4º.s, para a Ordem Terceira.

Termo 3: Bênção papal dada ao povo na matriz, por D. Daniel Hostin, bispo de Lages, em 07.01.

Termo 4: Retiro para os congregados em Joinville, de 04 a 07.02.

Termo 5: Bênção da capela São José na Escola Agrícola, por D. Pio, em 24.04.

Termo 6: Mudança de horário das missas, a partir de maio.

Termo 7: Visita do Rev.mo Custódio da Terra Santa, Fr. Felipe Niggemeier, em 09.05.

Termo 8: Celebração dos meses de maio, junho e outubro com suas respectivas devoções.

Termo 9: Visita de Fr. Domingos Schmitz, comissário geral da Ordem Terceira, em 09.06.

Termo 10: Retiro das Filhas de Maria no mês de agosto, na matriz.

Termo 11: Nada consta.

Termo 12: Teatro ocorrido no salão do colégio pelos marianos de Joinville, nos dias 5 e 6 de outubro.

Termo 13: Celebração da 1ª Eucaristia das crianças do Colégio Sagrada Família, em 27.10. A 1ª Eucaristia na matriz ocorreu a 02.02.

Termo 14: Provisão em favor do vigário e seus 12 coadjutores (sem data).

Termo 15: Provisão das 13 capelas (sem data).

Termo 16: Recepção de 13 evangélicos luteranos na Igreja Católica (em diversas datas).

Termo 17: Provisão dos fabriqueiros das capelas (sem data).

Termo 18: Dispensa de mixtae religionis em favor de 26 casais da paróquia.

Termo 19: Dispensas de consanguinidade em favor de 8 casais da paróquia.

Ano de 1941

Termo 1: Transferência de Fr. Protásio para Rodeio, Chegada do novo vigário Fr. Gentil e provisão de posse em 13.02.

Termo 2: Absolução da excomunhão latae sententiae a favor de uma penitente, por decisão do Sr. Bispo, em 04.03.

Termo 3: Via Sacra e pregação durante a Semana Santa.

Termo 4: Necessidade da construção de uma capela na Ponta Aguda. No dia 18.05. foi celebrada uma missa campal.

Termo 5: Celebração da Comunhão Pascal dos militares do 32º. BC de Blumenau, em 04.05.

Termo 6: Celebração da coroação de N. Senhora no último domingo do mês de maio.

Termo 7: Reunião dos vigários da diocese em Acurra para tratar de vários assuntos no final de maio.

Termo 8: Início da construção da nova capela de São Bonifácio no Encano, em fins de julho. A planta foi feita por Simão Gramlich e aprovada pelo Sr. Bispo.

Termo 9: Missa campal pela passagem do dia do soldado, em

24.08. Termo da Visita pastoral de D. Pio à paróquia, de 11 a 21. 10.

(Obs: Os termos deixam de ser numerados pelo vigário. Os acontecimentos são narrados de forma diferente. Por uma questão prática, vamos seguir a numeração).

Termo (10): Total da crismas realizadas durante a Visita Pastoral: 2.400.

Termo (11): Problemas financeiros na paróquia e necessidade de pagamento das dívidas

Termo (12): Provisões de vigário e coadjutores (sem data).

Termo (13): Provisões das capelas até 1942 (sem data).

Termo (14): Provisões dos Conselhos de Fábrica até 1942 (sem data).

Termo (15): Dispensas de consanguinidade em favor de Mathias e Tereza Helborn, Ercílio e Felizbina de Oliveira, José e Marinha Felício (sem data).

Termo (16): Dispensas de mixtae religionis, em favor de 26 casais da paróquia, em diversas datas.

Termo (17): Recepção de 14 evangélicos luteranos na Igreja Católica (sem data).

Ano de 1942

(1) Na capela Santa Isabel em 15.03, o vigário procede à benção da pedra fundamental da nova capela.

(2) Comemoração dos 50 anos dos franciscanos na paróquia de Blumenau, com missa de ação de graças presidida por D. Pio, em 24.05.

(3) Visita do Sr. Bispo à capela de Santa Isabel que está em construção, em 25.05.

(4) Bênção pelo Sr. Bispo da

pedra fundamental da capela S. Jutina entre Blumeau e Gaspar, em 25.05.

(5) Participação do vigário no Congresso Eucarístico Nacional, em setembro.

(6) Primícias do Pe. Marino Knopf na capela de S. Inês de Idai-al, em 08.12.

OBS: Verifica-se uma interrupção de registros no Livro de Tombo. Só voltarão a ser escritos em 1945 por Fr. Joaquim Orth, nomeado novo vigário em... 05.02.45. Não se faz menção dos motivos pelos quais os termos não são escritos. Os números de ordem são do articulista).

(1) Descrição do estado das dívidas da matriz e sua amortização de janeiro de 1945 a novembro de 1947.

(2) Provisão de D. Pio, nomeando o Rev.mo Pe. Fr. Joaquim Orth, novo vigário de Blumenau, em 05.02.

(3) Ata de posse do novo vigário, em 11.02.

(4) Provisão de D. Pio nomeando Fr. Joaquim confessor ordinário das irmãs da Divina Providência, em 08.02.

(5) Provisão de D. Pio nomeando Fr. Joaquim confessor extraordinário das irmãs Franciscanas, em 08.02.

(6) Portaria de D. Pio nomeando Fr. Joaquim vigário missionário, em 05.02.

(7) Provisão de D. Pio dando faculdades ao vigário e coadjutores de dispensar impedimentos de mixtae religionis, em 05.02.

(8) Provisão de D. Pio concedendo outras faculdades a Fr. Joaquim, em 05.02.

(9) Portaria de D. Pio em favor o vigário para receber na Igreja Católica todos aqueles que

dela quiserem fazer parte, em 05.02.

(10) Provisão de D. Pio concedendo faculdades em favor dos coadjutores, em 28.02.

(11) Provisão de D. Pio concedendo faculdades em favor dos freis: Redento, Beda, Bonifácio, Leonardo, Lucas e Pascoal, em 28.02.

(12) Concessão de faculdades a Fr. Reginaldo como vigário do convento, em 07.07.

(13) Provisão de D. Pio nomeando Fr. Egberto Prangenberg, coadjutor da paróquia.

(OBS: Anexo ao Livro de Tombo de 2 folhas impressas nas quais se encontra na íntegra o discurso proferido por Fr. Ambrósio Joaning no pátio do Colégio Sagrada Família no 50º aniversário desta instituição educacional).

À página 76 do 3º Livro de Tombo encontra-se a Crônica do ano de 1.945. A partir desta página, os termos não são numerados. Volta-se ao costume de narrar os acontecimentos em "Crônicas anuais". Por vezes, à margem coloca-se o título a que se refere o termo, outra maneira a partir de agora que é utilizada para o registro dos principais acontecimentos.

Movimento Religioso de 1945

Batizados (954), casamentos (246), confissões (32.000), comunhões (71.000), las. comunhões (429), viáticos (137), óbitos (137).

Ano de 1946

(1) Provisões e faculdades ao vigário e coadjutores, em 28.08.

(2) Provisões das capelas, em 28.02.

(3) Provisão de criação da

nova paróquia de Indaial por D. Pio, em 28.02.

(4) Provisão de coadjutor em favor de Fr. Elias Kuppe, em 27.06.

À página 78v, está a crônica de 1946:

(1) 1ª. Eucaristia de 136 crianças na matriz, em 06.01.

(2) Consagração do Brasil e paróquia ao Imaculado Coração de Maria, em 30.05.

(3) Referência à festa do Divino Espírito Santo e menção da coleta em prol da Europa faminta (sem data).

(4) Ereção de uma cruz no Grupo Escolar Santos Dumont, em 06.10.

(5) Festas de Cristo Rei, Natal e Ano Novo.

(6) Movimento religioso de 1946:

Batizados (890), casamentos (237), confissões (23.400), comunhões (82.000), las. comunhões (386), viáticos (219), óbitos (113).

Ano de 1947

(1) Avisos do Sr. Bispo sobre diversos assuntos, em 14.01.

(2) Provisões e faculdades em favor do vigário e coadjutores (sem data).

(3) A paróquia de Indaial permanece sob assistência dos franciscanos.

(4) Termo da visita pastoral do Sr. Bispo, de 05 a 14 de julho.

(5) Compra de um terreno para construção de uma capela na Velha, em 11.07.

(6) Pedido de Fr. Joaquim ao Sr. Bispo solicitando que os casamentos mistos sejam solenizados, em 03.09.

(7) Faculdades para os missionários, em 09.09.

(8) Missões na paróquia de 06.9 a 26.10, pregadas pelos missionários franciscanos.

(9) Procissões do SS. Sacramento em 14 e 21.10.

(10) Conclusão do concerto do telhado da matriz, em 15.11.

(11) Movimento religioso de 1947.

Batizados (918), casamentos (328), confissões (39.180), comunhões (120.000), las. comunhões (398), viáticos (286), visitas (86).

“A CRUZ DO CAMPO”

R. Leontino Filho

Natal R.G.N., 22.10.90

Sensível novela literária, povoada de emoção e amor. Narrativa apinhada de beleza, repleta de ternura e paixão. A CRUZ NO CAMPO retrata a atormentada trajetória do advogado do **Janary Messias**, um homem dividido entre o passado que tanto preza, para ele símbolo marcante da bondade, de onde emergem a paisagem, o sotaque, a linguagem, os costumes do povo, o caráter das pessoas — enfim, a felicidade contrastando com o presente, simplesmente oco de significação. Daí, Janary sentir-se “estranho em ambos esses mundos. Cruzam o seu caminho, deliciosas companhias: Nenê, a dona do restaurante, Abelardo — companheiro de antigas farras de solteirão, como ele, o cabloquinho Tinguí e o terno fazendeiro Análio, o melhor amigo de Janary. Os lugares Morro da Cruz e São Simão, formam a paisagem — aliados à Fazenda do Taboão.

O livro é uma viagem pelos caminhos tortuosos da memória, onde: “Cenas do passado, paisagens da infância, pessoas de dan-

tes — tudo se desenhava na lembrança” (p. 3/9), ocasionando o conflito entre a realidade e o sonho, relações ao estilo de Orígenes Lessa - “O Feijão e o Sonho”. Algumas cenas são de uma plasticidade encantadora, como a do calçamento: “O calçamento era precário, feito com pedras irregulares, por mãos trabalhosas, assim como quem arma um complicado quebra-cabeças.” (p. 14) — qual a cidade interiorana que não se faz presente nesta passagem? Que diga a minha bela e adorada Aracati! Outra cena belíssima: “As torres brancas da matriz apontavam para o céu azul e o despropósito de sua altura contrastava com o casario baixo e pobre”. (15).

Janary é um personagem inquieto, tenso e indeciso, talvez por ser “...lavado de todas as cracas dessa merda que é a vida moderna”. (p. 15), ou apenas sente uma estranha e profunda necessidade de se encontrar com a sua outra metade, perdida nos confins da infância, pois, atualmente, “Sempre se sentia em ter-

ra estranha desejando estar onde não estava, coisa que devia ter herdado de algum antepassado nômade: Desgraçado!" (p. 22) Pobre Janary, esquece que o destino é um cavaleiro andante, quixotesco e sombreado pelas trilhas ciganas da vida!

O melhor retrato linguístico desta pequena/grande narrativa é feito pelo fazendeiro Análio, quando o mesmo passa a contar os mirabolantes "causos" do Tio Pedro, que entre outras coisas, gostava de caçar onça, bugre e... china, o homem era fanático pelas chinas saía de sua tapera para o "putero" mais próximo, louca perdição! Muitas palavras ditas por Análio, refletem o universo dos povoados distantes, tais como: ponhava, maió, inté, desdai, dispois, treispe — casos de desarticulação, ou então, "sonoras novidades", como: práticação malina, bispou, tó Guapo!, Micha, merdêras... e as já célebres: quage, em riba, vévem, garrados, atraição... um toque de beleza muito pessoal do

escritor dá o tom, aos "causos" narrados.

Envolto em tantos movimentos, absorvido pelas estórias do amigo Análio e deslumbrado pela natureza-magistral momento do livro: "Eram velhos ipês ou corticeiras que se curvavam para o rio, como se desejassem beijá-lo, estirando galhos recurvos em busca da liberdade". (p.28), o rio Vermelho, a Ilha das Flores, a natureza por extensão, a própria liberdade, fazem pequeninos todos os projetos de Janary, que diante de tanto esplendor e desejando ardentemente ter esperança, põe em ação o seu tresloucado gesto — cruz do desespero.

O responsável por tanta emoção e magia é o escritor Enéas Athanázio, perfeito manejador da arte literária, misterioso esgrimista da palavra. Com este seu novo trabalho "A CRUZ NO CAMPO", Enéas Athanázio escreve em definitivo seu nome na galeria dos grandes escritores brasileiros.

A PUBLICIDADE COMERCIAL ATÉ O COMEÇO DO SÉCULO ATRAVÉS DA IMPRENSA LOCAL

Do Jornal "Blumenauer Zeitung"

Máquinas de costura

Sábado, 21 de agosto de 1897
F. G. Busch oferece um grande sortimento de máquinas de costura.

Sortimentos variados

Sábado, 28 de agosto de 1897
Friedrich Specht, Itoupava Seca, oferece grande e variado sortimento de arames, porcelanas, máquinas de costura, etc.

Procurador

Sábado, 27 de novembro de 1897.

Felippe Doerck, comunica sua viagem para a Alemanha, deixando como procurador neste período de ausência, o senhor Paul Schwarzer.

Liquidação anual

Sábado, 18 de dezembro de 1897.

Gustav Sallinger e Cia., comunica a liquidação anual dos próximos dias.

Venda móveis

Sábado, 25 de dezembro de 1897.

A senhora R. von Seckendorff, oferece móveis para vender, como poltronas, escrivaninha, cadeiras de vime, etc..

Desligamento sociedade

Sábado, 22 de janeiro de 1898.

Currlin e Hadlich, comunicam que de comum acordo não mais continuam com sua ligação comercial e o senhor Julius Hadlich assumiu o negócio por conta própria.

Molduras

Sábado, 5 de fevereiro de 1898.

Max Arras, confecciona molduras para fotografias e quadros em geral; pedidos aceita o senhor Ferdinand Schadrack.

Barbeiro

Sábado, 5 de março de 1898

Novo salão de barbearia, no Hotel Willy, aberto diariamente. Gustav Busch é o barbeiro proprietário que outrossim comunica que extrai dentes e raízes, faz pequenas cirurgias como sangrias, extração de verrugas e colocação de sanguessugas bem como corte de calos e extração de unhas encravadas. Também aceita massagens em residências. Ass.:— Gustav Busch. — Barbeiro e assistente sanitário.

Procuração devido viagem.

Sábado, 21 de maio de 1898.

Marcos Konder, comunica que viajará para a Europa e em sua ausência cuidarão de seus negócios o senhor Gustav Sallinger e Geraldo Pereira Gonçalves.

Aumento preço cerveja

Sábado, 21 de maio de 1898

Os cervejeiros abaixo assinados comunicam à distinta freguesia que a garrafa de cerveja a partir de agora custará 300 Réis à vista. Ass.: Gustav Brandes, Carl Rischbieter, August Germer, Otto Jenrich e Schossland e Hosang.

Liquidação — livraria Currlin

Sábado, 21 de maio de 1898.

Eugen Currlin, comunica a liquidação de sua livraria, papelaria e negócio de importação. A preços baratíssimos podem ser encontrados romances, livros escolares, cadernos, utensílios de escritório, artigos de perfumaria, de iluminação, rélogios, de bolso e de parede, bijouterias e em ouro alianças e prataria, armas de fogo, facas de cozinha e facões, cachimbos importados, louça de cozinha, artigos de vime, adornos para árvore de natal. Roupas em geral masculinas e femininas, toalhas de mesa, tesouras, fechaduras, etc.

Preços bem em conta para vendeiros na colônia:

Comunicação: Todos aqueles que ainda têm dívidas comigo peço liquidarem a conta até o último dia do mês de junho de 1898. As contas não pagas até esta data entregarei para cobrança ao senhor Paul Schwarzer. Ass: Eugen Currlin, Livraria, papelaria e negócio de importação.

Selos cerveja

Sábado, 11 de junho de 1898

Recolhimento dos selos de cerveja: Aqueles que ainda possuem selos de F. Schrader pedimos gentilmente trocar os mes-

mos até dia 1º. de julho com A. Schrader.

Procurador

Sábado, 16 de julho de 1898.

Emil Kunze, comunica que durante sua ausência de Blumenau, o senhor Wilhelm Sievert será seu procurador.

Barbearia

Sábado, 3 de dezembro de 1898.

August Werner, participa que transferiu a sua barbearia, para a casa de Hermann Jahn, junto à agência do Correio.

Compra mamona

Sábado, 4 de fevereiro de 1899.

Guilherme Scheefer e Filho, comunica que comprarão frutas oleosas como mamonas, nozes, biquiva etc somente até o dia 20 de janeiro de 1899.

Liquida estoque

Sábado, 4 de fevereiro de 1899.

Gustav Fischer, comunica que devido sua viagem em definitivo para a Europa, liquida todo seu estoque de cobertores, etc.

Transferência direção livraria Currilin

Sábado, 11 de março de 1899.

Eugen Currilin, comunica que a partir de 1º. de janeiro a direção de sua livraria e negócio de importação passará ao senhor Arthur Koehler, este tem toda a

liberdade de negócios e durante minha ausência está nomeado o senhor Cônsul Sallinger como procurador.

Instrumentos musicais

Sábado, 17 de junho de 1899

E. Bernhardt, oferece instrumentos musicais, como flautas e violoncelos, etc.

Ouro — moeda estrangeira

Sábado, 20 de janeiro de 1900.

A. Schrader, comunica que continua comprando ouro e moeda estrangeira.

Transfere negócios com casamento

Sábado, 3 de março de 1900.

Ao Comércio: Emma Rabe, viúva do falecido Frederico Rabe, comunica a todos os seus amigos e fregueses que contraiu matrimônio com o senhor Guilherme Nienstedt, a cujo cargo continuará de agora em diante a administração e gerência de sua casa comercial nesta cidade, sob a firma de Guilherme Nienstedt, sucessor de Frederico Rabe e pede para a nova firma a mesma confiança e coadjuvação que sempre dispuseram ao seu falecido marido e a ela mesma.

Liquidação

Sábado, 23 de junho de 1900.

Grande liquidação, no "Bazar Árabe" ao lado da estação telegráfica de Blumenau, proprietário senhor José Merebe.

Currilin vende seu negócio

Sábado, 11 de agosto de 1900.
Senhor Eugen Currilin, comunica aos fregueses que vendeu o seu negócio, sem o ativo e passivo ao senhor Caetano Deeke.

Blumenau, 1º. de agosto de 1900.

Ampliação do negócio

Sábado, 29 de setembro de 1900.

Edmund Hofer r. Seignemartin, de Blumenau comunica a ampliação de seu negócio, vende móveis estilo moderno e antigo bem como miudezas e muitos outros artigos.

Móveis talhados

Sábado, 6 de outubro de 1900.

Notícias Locais: Da marcenaria do senhor E. Hofer r. Seignemartin, seguiram móveis, artisticamente talhados para Desterro.

Liquidação de máquinas

Sábado, 13 de outubro de 1900.

E. Bernhardt, comunica grande liquidação de máquinas de costura de vários sistemas, bem como um variado estoque de miudezas e artigos de presente.

Fogos de artifício

Sábado, 13 de outubro de 1900.

A viúva Knoblauch e Cia. oferece artigos de fogos de artifício em variada qualidade.

Cerveja Rischbieter

Sábado, 3 de novembro de 1900.

Notícias Locais: Amostra de cerveja, recebemos uma enviada pelo senhor Karl Rischbieter que é de excelente qualidade.

Anúncios natalinos

Sábado, 24 de novembro de 1900.

Grande propaganda natalina de Reinhold Finster e Filho como também de H. Rüdiger e filhos.

Padaria

Sábado, 25 de maio de 1901.

Richard Poerner, comunica que abriu uma padaria na praça.

Sapataria

Sábado, 27 de julho de 1901.

Sapataria popular: Arnoldo Schnaider, comunica ao público de Blumenau que montou na Rua 13 de maio (Vorstadt) uma oficina de sapataria.

Roupas masculinas

Sábado, 19 de outubro de 1901.

Wilhelm Ringling, comunica que abriu na cidade de Blumenau uma casa para artigos e roupas masculinas.

Liquidação

Sábado, 23 de novembro de 1901.

Por motivo de mudança de ramo Caetano Deeke comunica liquidação de estoque.

(TRADUÇÃO: Edith Sophia Eimer.)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Em sua edição do dia 6 do corrente mês, A NOTÍCIA publicou um artigo iniciado com as seguintes palavras:

«Colza, uma nova opção para a nossa agricultura»

FLORIANÓPOLIS (Sucursal) — A colza, uma planta oleaginosa, cuja cultura é ainda desconhecida no País, poderá ser a nova opção de inverno para o agricultor catarinense, quando utilizada como suplemento protéico na alimentação de bovinos, suínos, ovinos e aves.

É oportuno lembrar que o cultivo da colza já era conhecido, tanto aqui na colônia Dona Francisca como também em Blumenau, onde existiam plantações da mesma, segundo as notícias abaixo, publicadas em diversas ocasiões, no «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), editado na colônia Dona Francisca, desde 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 14 de outubro de 1865:

Dona Francisca. — O sr. Kalotschke, de Neudorf, Estrada de Blumenau, acaba de acionar a sua nova prensa para óleo e nos trouxe mostras do seu fabrico: azeite de colza e bolo de azeite. O referido senhor tritura um alqueire de sementes em uma hora e vende o azeite à razão de 500 réis a garrafa.

Notícia de 6 de outubro de 1866:

Dona Francisca — Entre os artigos enviados da colônia Dona Francisca para a Exposição Provincial em Desterro, constam também os seguintes, apresentados por A Kalotschke: azeite de colza, bolo de azeite e sementes de colza...

Notícia de 6 de outubro de 1866:

Dona Francisca. — Exposição Provincial. Entre os inúmeros artigos remetidos de Blumenau para a Exposição, encontram-se também sementes de colza...

Notícia de 16 de fevereiro de 1867:

Dona Francisca. — A nossa colônia ainda não produz azeite em quantidade suficiente para o consumo. Muitos colonos se queixam do facto de não receberem dinheiro pelos seus produtos, que só podem ser trocados por mercadorias nas vendas, e no entanto não se beneficiam daquilo que está ao alcance de todos. Sai todos os anos da Colônia boa soma em dinheiro, com a compra de azeite e óleo de peixe, enquanto o simples cultivo de um pouco de rícino, de amendoim, de girassol, poderia evitar essa despesa. O azeite de colza, até agora produzido aqui na Colônia, sempre teve saída imediata.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

UMA BLUMENAUENSE DE 80 ANOS CONTA SUA VIDA

(Transcrito do Jornal «BRASIL-POST», do dia 04 de novembro de 1989)

“Eu nasci em 21 de fevereiro de 1909 às 6 horas da manhã no Município de Blumenau. Certo dia veio a nossa simpática vizinha, senhora Johanne Zimmermann, nata Jensen esposa do antigo superintendente (hoje prefeito municipal) Paul Zimmermann e disse: senhora Meyer, não faria o favor de assar o pão e doces para nós? Minha sogra ainda vai morrer esta madrugada. A minha mãe concordou. Quando a senhora Zimmermann veio na manhã seguinte, o que ela viu? Minha mãe na cama e eu nascia nesta manhã, pois minha mãe estava grávida e era muito natural, e tudo isto com a graça de Deus. Assim a senhora Zimmermann teve que ir adiante pois para minha mãe foi impossível atende-la.

Quando criança eu tinha uma infecção no ouvido, com a qual sofri por três semanas terrivelmente; as dores eram muito fortes que quase me faziam desmaiar. Mal podia comer, de tantas dores. Médicos especialistas ainda não havia em Blumenau no ano de 1909. Minha mãe estava desesperada e não sabia o que fazer, sofrendo igualmente com isto. Eu chorava de dores dia e noite; não sabia onde estava nem quem era. Também a prestativa e rica senhora Zimmermann empregou todos os seus remédios caseiros, mas sem resultados. Foram também aceitos outros conselhos, mas tudo

parecia inútil. Os médicos Dr. Fr. Knebel e Dr. Gensch me trataram de febre e outras coisas, mas de nada adiantou; mais tarde minha mãe contou que já estavam esperando o pior: que eu morresse.

Aconteceu que certo dia, na casa do sr. Zimmermann, justamente na hora em que regressava de uma visita que me fizera; o lageano perguntou como eu estava passando e foi falar com minha mãe, com a qual falava em português, o que era traduzido por minha irmã mais velha e a senhora Zimmermann que mal o faziam, pois neste tempo falar o português era uma arte, uma verdadeira raridade. Nós, crianças do Meyer, em consequência do contato com os “Garcias”, e os “Carvalhos” como também com os bugres (índios que os Zimmermann adotaram), já entendíamos um pouco do português. Pois bem, o “lageano” não era um curandeiro, benzedor ou charlatão, pois que comprovadamente entendia alguma coisa. Pelo que contavam, se tratava de um certo Dr. Sapucaia que não passara nos exames de Medicina. Mas seja lá o que fosse, ele foi meu salvador. Empregou um remédio caseiro que se conhecia entre os diversos remédios práticos da terra. Eu me lembro pelo que comentavam meus pais, já há longo tempo falecidos. Ele aconselhou colocar compressas quentes na orelha

dolorida de hora em hora. Mãe empregou este meio apesar de um pouco duvidosa. Meu pai não estava absolutamente entusiasmado com tal medicação, mas mesmo assim o permitiu. Primeiro as dores quase insuportáveis não cederam. No segundo dia minha mãe colocou-me cuidadosamente de lado no berço e viu no travesseira uma massa amarela pegajosa. Exclamou surpresa: Mas isto é pús! e era mesmo.

Quando eu tinha dois anos de idade se formara na orelha um abcesso, do qual depois de tratado corria durante dois a três dias grande quantidade de pús. As dores desapareceram totalmente até hoje. O meu salvamento, certamente devo a este prestativo, bom e sem título "médico". Ele não pediu nada por seus serviços humanitários, mas mesmo assim minha mãe o recompensou com dois buquês de flores que ele primeiro não quis aceitar.

Numa sexta-feira à tarde, num inesquecível belo dia, brincávamos juntos até o entardecer. Ai! Se não estivéssemos em casa antes de escurecer, então a sova nos esperava e esta era dolorida.

Minha irmã Karin nos apresentara como irmãs gêmeas. Nós sempre fomos as gêmeas de papai, pelos menos assim o imaginava. Certa vez, eu ainda me lembro muito bem, eu tinha mais ou menos 5 ou 6 anos. Papai disse a um amigo: "Estas são minhas gêmeas, elas não se parecem muito? Este então disse: "Mas Karl, você não tem filhas gêmeas!"

Paul e Johanne Zimmermann, simplesmente chamados "Os

Zimmermann", tinham algumas colônias de terras, que iam de Fidelis a Fortaleza, bem como belos cavalos de montaria e uma pista de corrida correspondente a grandes postos. Os cavalos, eram preparados por José e Alfredo Carvalho. Às vezes também montavam as meninas Irma, Frieda, e Nina, além dos três filhos. Possuíam uma bonita casa e propriedade. A casa ainda hoje existe na colina, apesar de renovada após 100 anos em Ribeirão Fidelis. Lá era muito bonito. Principalmente a casa grande com a "sala" e o grande espelho era muito expressivo. Havia nelas coisas muito bonitas: na sala, bonecas e figuras de Nippe (biscuits). Na varanda, vasos verdes com plantas ornamentais e ainda havia o escritório do senhor Zimmermann e o lugar do professor particular senhor Hermann Lange. Uma instalação e decoração de casa como naquele tempo hoje é difícil imaginar, já que nós vivemos num outro mundo. A senhora Zimmermann era uma mulher muito bondosa e instruída. Ela no entendimento humano era uma santa. Quem hoje ainda cuidaria de doentes de varíola durante mais de uma semana, como ela o fez? Foi no ano de 1911, durante a maior enchente de Blumenau: nível da água = ... 16.40 metros; estes doentes eram trazidos para nosso pátio de abate de gado. E o que a senhora Zimmermann não trazia tudo em comida e bebida? Todos os dias ela passava uma vez por lá e cuidava dos doentes; não receava feridas ou a enchente. Os três doentes eram estranhos que estavam aqui de passagem; ela não os conhecia. Eu repito: a

senhora Zimmermanni era uma santa!

Paulo Zimmermann foi nos anos de 1920 até 1924 superintendente de Blumenau (hoje prefeito ou burgomestre) e também deputado estadual. A grande enchente em Agosto de 1911 trouxe grandes prejuízos e destruição, não só aqui em Fidélis mas em todo o Vale do Itajaí, mas principalmente em Blumenau. Mãe muitas vezes contava a respeito, que chovera muito durante oito dias e às vezes sem interrupção por horas. Quando então o céu parecia desanuviar-se e todos pensavam que o tempo melhoraria, eis que logo se armava outra vez um temporal com trovões que davam medo e uma chuva torrencial seguia. Quase era impossível ver a própria mão diante dos olhos. Na casa de Fritz Zuege (antes de Zimmermann) a água alcançara até o teto. As camas, cadeiras e mesas boiavam; precisaram abandonar a casa e se refugiar no morro. Um velho relógio de pêndulo e uma máquina de costura de Zuege foram encontrados próximo ao velho salão, depois de terem ficado na água durante 8 dias.

(N.º 2030 / 11-11-1989) Trigo, açúcar, banha, como grande quantidade de garrafas de cerveja foram levadas pela água, além dos animais vivos que não foi possível salvar. O prejuízo material foi imenso. Aconteceu o mesmo com muitos outros moradores da Itoupava, e da zona de

Fidélis. E o que receberam de indenização por parte do governo? Nem um centavo ou mesmo Milres. E como está hoje Blumenau em relação à enchente? No campo nacional e internacional são acionadas equipes de socorro, para conseguir auxílio aos atingidos. Todo o país se mostra prestativo à famosa população blumenauense; são oferecidos objetos de utilidade, roupas em grande quantidade, não usadas de boa qualidade. E quem são aqueles que se beneficiam com isto? O pobre, o legítimo necessitado? Só em parte; o resto foi para aqueles que nem foram atingidos. Foi provado, que muitos vagabundos que nem entraram em contato com a enchente, muitas vezes através de crianças ou eles mesmo carregaram as melhores coisas. Assim, caso mais uma vez chegasse a uma catástrofe igual, o que não esperamos que aconteça, devia ser feito um controle muito rigoroso. Algumas exceções aconteceram, com instituições e sociedades o que devemos ressaltar.

Nos anos 1909 até 1916 passei os meus melhores anos de infância em Fidélis. Eu me recordo com pena e lamento as pessoas que hoje são tão diferentes do que naquele tempo. Naquela época, existia mais união. As pessoas eram mais prestativas, a mentalidade era bem diferente, os tempos melhores e mais bonitos. Enganava-se e se roubava menos. Não havia quase ladrões, e assassinos e se isto acontecia eram por décadas desprezados e banidos da sociedade. Cada um precisava comprar seu próprio pedaço de terra e mesmo que fosse difícil ele o precisava pagar. E hoje? Só pensam e ainda têm a pe-

tulância de pedir que o governo lhe dê terra de presente. Instalou-se nela e de lá não saiu mesmo com força policial. Seus avós ou nossos pais não tiveram que trabalhar até a exaustão, quase com os dedos sangrando? Certamente havia naquele tempo a oportunidade de requerer terras do governo (o que a meu ver é um negócio muito injusto), pois é com isto que os "fazendeiros e coronéis" requerem milhares de hectares de terras e consideram sua propriedade e o pobre não tem o direito de mexer um só metro de largura em terra de sua propriedade. Estas são enfim as consequências dos assim chamados "sem terra". É o que hoje se vê mais na classe pobre que assiste alguns latifundiários possuírem 1.000 até 10.000 hectares de terras e eles nem 50 metros quadrados. Com isto não é difícil ao elemento subversivo, instigar a estes "sem terra" contra os ricos. Isto representa uma arma perigosa.

x x x

Em seguida mais alguma coisa sobre a família Zimmermann. Quando hoje me lembro o que os irmãos José e Alfredo Carvalho faziam com estes belos cavalos, eram verdadeiros espetáculos de circo. Os treinos eram feitos diariamente à noite. Durante o dia os animais tinham que ficar no estábulo e eram cuidados e alimentados. As cocheiras eram sempre forradas com cepilho. Só iam para a pista de corrida, nunca ao pasto.

O pomar também era muito bonito, como num conto de fadas. Havia muitas qualidades de fru-

tas, três só de "kaki" e eram muito suculentas. Muitas vezes colhíamos as frutas ainda não maduras e as escondíamos debaixo do colchão de palha para amadurecer mais depressa! Mas o que acontecia? A vovó descobria as frutas e só faltava apanharmos de chinelo. Eu nunca gostei de minha avó K.

Os Zimmermann também tinham uma grande lagoa de peixes. Quando a lagoa era aberta havia milhares de peixes que eram também presenteados aos colonos. Todos podiam levar o quanto quisessem.

Também o grande moinho era bonito e interessante; ainda existia até os anos cinquenta; uma grande cobra muçurana vivia entre o moinho e a casa; ninguém devia incomodá-la nem no moinho nem na casa. A senhora Johanne Zimmermann com suas três empregadas enfrentava todo serviço, trabalhava igual. Na segunda-feira a roupa branca era colocada no carrinho de mão e levada ao Ribeirão Fidélis para ser levada, ali onde ficava a velha ponte com telhado de zinco.

Os Zimmermann, tinham seis filhos. Três filhos e três filhas: Gustav, Helmuth e Humbert, Irma, Frieda e Nina, além dos dois filhos bugres adotivos Alfred e Paula. Destes vive hoje ainda a segunda filha mais velha Frieda, chamada "Fitti" e casada com Alfredo Carvalho. Todos já deixaram estas paragens terenas. Um dia nosso velho e bom empregado Peter Helfrich, colocara um balaio armadilha no ribeirão Fidélis, (havia naquele tempo muitos pássaros e outros animais, um

verdadeiro paraíso) e Humbert foi lá retirar aos peixes presos, quando Peter Helfrich o pegou em flagrante. Aos olhos do empregado isto era um roubo e se mamãe não tivesse chegado naquela hora ele teria matado Humbert, tão raivoso o deixara este pequeno delito. Humbert Zimmermann, que era casado com Lica Garcia, era uma pessoa estranha e às vezes não se sabia o que pensar ou esperar dele. Gustav Zimmermann, o mais velho da família, era casado com Ernestina Garcia. Helmuth Zimmermann, com uma nata Laux Irma Zimmermann, casada com Arnold Kirsten, antigo proprietário do Salão Kirsten em Salto do Norte, e por muitos anos fiscal da prefeitura de Blumenau. Deste casamento, são dois os filhos: Rita e Felix. Rita Kirsten, casada com Fridolino Schwabe, proprietário da "relojoaria Suíça" na Rua XV de Novembro em Blumenau. É uma conhecida cantora: soprano nos áureos tempos do famoso coro e orquestra Carlos Gomes sob a direção de Heinz Geyer, com sua voz lírica encantava os corações dos amantes da música em Blumenau. Também hoje ainda Rita Kirsten Schwabe ainda canta no coro do Centro Cultural 25 de Julho. E Nina Zimmermann casou com Wilhelm Rick, ambos falecidos e não tiveram filhos. O senhor Paul Zimmermann não ficou muito velho; faleceu por volta de 1924/25 e não merecia tal destino. Em sua honra foi nomeada uma Rua no Centro da Cidade de Blumenau.

Se eu me lembro desses belos tempos e da família Zimmermann preciso chorar, pois em meus 80 anos de vida até

hoje não conheci família melhor. Nós brincávamos muito e tomávamos banho no Ribeirão Fidelis que naquele tempo tinha águas cristalinas. Quem naquela época ousaria tomar banho com um maiô decente, nem falando do assim chamado "biquini", que só cobre 1% do corpo das mulheres e em alguns lugares é ligado apenas com um fio de Nylon! As pessoas teriam fugido diante de sua própria vergonha, e as mães coberto os olhos com o avental.

A senhora Zimmermann sempre nos dava pão e linguiça. No dia 23 ou 24 de Dezembro era o aniversário de Nina Zimmermann: este era sempre festejado no moinho. Ela faleceu no ano passado com 84 anos de idade.

"Fitti" aliás, Frieda Zimmermann, me disse, que quando morresse queria que a colocassem na sepultura dos pais; ela vive com um de seus netos em Blumenau e deve ter mais ou menos 86 anos de idade, como única sobrevivente da rica e mais querida família Paul Zimmermann de Fidélis, Município Blumenau.

BRASIL-POST

Nº. 2031.

Pag. 8

Dia 18 de Novembro de 1989.

"Fitti" aliás Frieda Zimmermann Carvalho foi na primeira década dos anos 20 eleita a mais bonita dama de Blumenau, mas não coroada como "Rainha da Beleza" a "Miss Blumenau". Este concurso tinha antes um efeito

repulsivo ou de gabolice; isto não se conhecia naquele tempo. Eu já falei com o prefeito Dr. Dalto dos Reis, que dessem o nome de Johanne Zimmermann a uma das Ruas em Blumenau; ele se mostrou interessado, mas até agora nada.

Salão Zimmermann ou Fidélis

Certa noite, neste salão, que naquele tempo pertencia a Fritz Zuege realizava-se uma festa de atiradores. Os "lancheiros" haviam dito que eles acabariam de uma vez com estes bailes dos "Alemongs" e apareceram com 8 ou 10 homens. Queriam de qualquer maneira participar do baile. Mas este era da sociedade e havia regras muito severas. Quem não era sócio não participava, não tinha acesso. Mas isto não queriam saber. Eles tinham um objetivo que queriam alcançar, isto é, tirar a pauladas os "alemongs" do salão. Mas os "lancheiros" fizeram a conta sem o dono, pois não acreditavam que seriam os derrotados. Mas aconteceu. Enquanto os invasores com facas exigiam a entrada; um dos sócios ficou do lado de dentro da porta apanhando ali um cabo de machado que ali estava à venda e bateu na cabeça do primeiro que forçava a entrada e que caiu no chão. Seus camaradas no entanto, misturaram-se entre os que dançavam e começou a briga. Em menos de dois minutos os invasores foram dominados e jogados escada abaixo. Só tiveram tempo de recolher seu colega desmaiado e em passos largos empreender a fuga. Uma segunda tentativa de perturbar a festa de caçadores, bonitos bailes

dos colonos alemães, nunca mais aconteceu nos seguintes 75 anos de existência do salão. A lição dada e o bom exemplo valeram para sempre.

Mas o mesmo assim este salão Fidélis, se, pudesse contar a sua história, o que não viria tudo a luz do dia! Quantas vezes os amantes da dança das Tiefen como "Humger wehr dich" (fome te defenda) ou "Wurschzipfel" (ponta da linguça) tiveram, ao chegar no salão, que lavar primeiro seus calçados de lama e barro. Alguns preferiam até nem mais calçar seus sapatos e dançar a noite descalços. Isto não aconteceu uma vez só. Mas mesmo assim era agradável, nestes belos tempos, quando a palavra moral ainda encontrava respeito. Estes tempos se foram para sempre e não voltam mais. E quantos destes velhos "salões" blumenauenses ainda existem hoje depois de 50 ou 100 anos? Onde ficou a bonita música de dança alemã? Os americanos substituíram com sua gritaria em todo mundo as bonitas melodias, contagiando a geração mais jovem com este mal, imitando os macacos! Infelizmente!

Alfredo Carvalho.

Sobre este tema poderia se escrever um romance inteiro e eu quero apenas relatar um pouco do passado, aos presentes de agora. Alfredo, era conhecido devido seu passado agitado e as famosas "peças" que ele arriscava e fazia. Casou com a mais idosa e mais bonita filha da rica família Paul Zimmermann. Não era um mau homem e também não um racista propriamente dito. Ele falava rela-

tivamente bem o alemão com um sotaque forte de português. Ele também jogava Skat com seu cunhado Arnold Kirsten e outros conhecidos. Aqui só um pouco de sua vida desastrada: como quis o destino, ele casou com a filha de seu patrão, o superintendente de Blumenau (nos anos 1918-... 1924). Alfredo Carvalho era simples rapaz de cavalaria dos Zimmermann. Como bom cavaleiro e gaboleiro conseguiu conquistar a simpatia e confiança de seu patrão. Isto chegou ao ponto em que a filha e o peão se apaixonaram e casaram. O primeiro passo de sua subida que podia ter levado à fama e fortuna fora dado, mas este fracassou lamentavelmente. Provavelmente devido a grande influência de seu sogro. Paul Zimmermann conseguiu para ele, entre 1915/1920 a primeira e única representação de automóveis em todo o Vale do Itajaí, que era a Ford dos USA.

É preciso poder se transportar e imaginar o que significa 70-80 anos antes numa cidade florescente como Blumenau, onde 90% dos habitantes eram alemães, ser o único representante e vendedor de automóveis, onde trafegavam só carros de boi e carroças e no máximo uma carruagem para os melhores situados como meio de transporte, Alfredo Carvalho vendeu por alguns anos estes modernos e novos veículos de transporte, para satisfação de seus concessionários. Até que nosso Alfredo caiu na extravagância fazendo mais "farras" e bobagens do que seus senhores queriam. Resultado: foi avisado para que tivesse mais senso de responsabilidade. Isto pouco lhe importou e ele jogou o aviso dado aos quatro ven-

tos. Pensou que o dinheiro ganho com facilidade nunca acabaria, e Alfredo continuou a fazer as coisas mais impossíveis. Seus quatro cunhados e cunhadas também já possuíam carros. Por que não? Dinheiro não contava nesta rica e bem situada família que tinha o suficiente. Até que um dia perdeu esta representação rentável e a Firma Carlos Hoepcke S.A. de Florianópolis em Santa Catarina assumiu a mesma. (Aqui devemos anotar que esta firma também perdeu a representação depois de 50 anos de venda autônoma, e como dizem por falta de competência).

Alfredo ainda possuía seu carro e por anos ainda o dirigiu. No entanto, sua bem fundada situação financeira, o que todos viam e sabiam, desaparecia sempre mais até que certo dia ele também não mais possuía seu carro, porque provavelmente não mais o pôde manter. (Se fosse hoje o motivo poderia ser o alto preço do combustível).

Aqui mais algumas de suas "artes", que muitos de seus velhos amigos ainda lembram. Que se diga primeiro: Alfredo Carvalho, até o ano de 1930, era considerado um homem corajoso, do qual todos tinham respeito mas ele não era mau; mas devido seus berros, muitos o receavam acreditando que se tratava de um herói. Mas o caso era justamente o contrário.

Certo dia, isto mais ou menos por volta de 1925, fomos na carruagem de nosso vizinho Schmidt, Amanda, minha mãe e eu até a cidade. O que vimos ao chegar nas proximidades da Igreja Católica? Uma grande massa de populares de ambos os lados da Rua, esta-

vam esperando pelo espetáculo. Nós imaginávamos alguma coisa grave pois tanta gente aglomerada, e era no meio da semana! O que significa isto? Amanda, que sempre foi muito medrosa, começou a chorar e ela já era casada. Mamãe nos tranquilizou e ralhou. De repente veio um doido com o seu carro e tentou subir a escadaria da Igreja. Todas as pessoas ficaram paradas boquiabertos!

BRASIL-POST

Nº. 2032. Pag. 8
Dia 25 de novembro de 1989.

Era um bêbado ou um louco? Ouvia-se dizer. Um Padre Franciscano, O. F. M. do Colégio Santo Antônio, tentou proibir esta maluquice. Seus pedidos e objeções não foram atendidos; mandou o padre sair e continuou e se o mesmo padre não tivesse pulado de lado teria sido atropelado. Mais uma vez o carro foi posto em movimento e devagar, de degrau em degrau, subiu a escadaria da Igreja. E quem era? Ninguém mais do que Alfredo Carvalho. E parece que nem mesmo a polícia o advertiu. Ou esta também tinha medo do suposto herói?

Em outra ocasião, contam, foi em algum lugar na colônia blumenauense num baile em que descobriu na cozinha uma grande bacia com ovos apanhou a mesma, mais um saco de farinha de trigo, misturou com cerveja e fez a mistura final com os pés calçados. Como reagiram as dançarinas não se sabe, mas parece que ele não apanhou nenhuma surra, pois tinham medo dele. A despe-

sa naturalmente ele pagou. Além disto ele, com sua gabolice, fazia com uma nota de 500 milréis um cigarro de palha, acendia-o e fumava. Mais outras "artes" ele fazia do que hoje já não mais se lembram. Este "esbanjar de dinheiro" mais tarde lhe saiu caro. Mas mesmo assim Alfredo Carvalho não era mau pai de família; sua esposa a querida "Fitti" soube levar bem ou mal o seu destino, mesmo que muitas vezes a contragosto, e desejo. Mais tarde, aos 40 ou 50 anos, ele trabalhava na Prefeitura Municipal de Blumenau e depois na Eletro Aço Alto-na SA, precisando ganhar seu dinheiro como qualquer outro. Seu papel antigamente tão significante acabara e ninguém mais tinha medo dele. Mas seu nome ainda por gerações ficará conhecido. Ele faleceu nos anos 70. Em verdade merecia que se erguesse um monumento ao gaboleiro Alfredo Carvalho.

Os Jensen

Nesta mesma época também viveram os "Jensen" com sua firma na zona da Itoupava. Existia ali até poucos anos atrás, na Itoupava baixa, a firma da família Fritz Jensen S.A. que era dirigida pelo casal e os cinco filhos. Era um excelente negócio colonial com açougue onde se era bem e honestamente servido. Meus pais, por anos foram seus fregueses. A senhora Fritz Jensen, nata Kuchenbecker era uma mulher igualmente bondosa como a senhora Johanne Zimmermann. Infelizmente faleceu muito cedo. Seu marido não casou outra vez e continuou à frente do negócio com seu filho Harry, até sua mor-

te. Os filhos eram: Erich, que morreu muito cedo de epilepsia; Harry, Alfred, Fritz e Heinrich. Heinrich, mais tarde, saiu da firma e dirigia em Salto Grande, hoje Ituporanga — SC, a “Terras Jensen S.A.”. Harry e Alfredo ficaram na firma. Fritz, o mais moço, começou uma olaria, mas também faleceu cedo. Das muitas “artes” que estes 5 irmãos fizeram a mando do pai, se poderia escrever um livro. A “maneira de fazer os outros de bobos” e enganar seus próprios empregados, e também estranhos. Os autores naturalmente nunca eram apanhados no ato, mas todos imaginavam e suspeitavam de que tinha sido o autor ou autores “os filhos dos Jensen”. Também não adiantava protestar sem ter provas ou testemunhas. Aqui só vou citar uma de suas “artes” feitas com seus operários.

Primeiro devo dizer que antigamente (não só Jensen) se trabalhava até tarde da noite. O velho e fiel servidor e trabalhador Eduard Goldacker, não morava longe do seu local de trabalho e precisava atravessar uma pinguela primitiva sobre o rio Itoupava. O que foi que estes “Jensens Junges” (filhos dos Jensen) imaginaram? Para pregar uma peça no velho, em seu caminho para casa passaram banha na pinguela e também na amurada (a banha, não custava caro pois eles mesmo a produziam). Eduard, que usava chinelo de couro, a meio do caminho começou a escorregar e caiu no riacho. Que seja dito que ele não era mais moço. Ele não podia ter morrido afogado ou então ter batido com a cabeça numa pedra? Isto se podia chamar ainda de brincadeira? Tais brinca-

deiras de mau gosto eram práticas diárias dos filhos dos Jensen e com a aprovação do senhor chefe. Eu creio que hoje ninguém mais se deixaria enganar desta forma. Fritz Jensen Senior faleceu muito idoso e neste meio tempo, até hoje, desapareceu a família toda, isto é, até o último descendente. Como último faleceu o ano passado Fritz Jensen como dirigente da firma. Com isto também se encerrou uma tradicional firma comercial blumenauense. A propriedade, do tamanho de algumas colônias, passou para outras mãos.

A Companhia Jensen

Esta grande firma comercial secular na Itoupava Central foi fundada por Carl Jensen. Ela faz falta hoje em todo o Vale da Itoupava como também para a cidade de Blumenau. Foi aberta, no século passado, durante os anos 80. Nas últimas décadas de sua existência ela usava o nome de marca “Frigor” e seus produtos, devido sua boa qualidade, encontravam mercado em todo o país. Seu diretor, que dirigiu por muitos anos, chamava-se Guilherme Jensen, conhecido por todos como “William”. Também a ele já há anos, cobre a relva verde.

Eu não quero relatar muito a respeito desta famosa firma, já que nós todos a conhecíamos. Mas só quero dizer que depois que Wilhelm Jensen, justo ou injustamente foi empurrado para fora da firma, inclusive por seus parentes e colaboradores mais próximos, ela assumiu o passo do “caranguejo” indo para trás. A nova camada diretora, na qual se esperava soprasse um vento fres-

cô, conseguiu justamente o contrário, o que a levou a ponto final, e esta grande firma tradicional foi oferecida à venda. Isto foi de início o maior erro; que esta firma gigantesca fez, por um preço irrisório, passar para as mãos de um libanês, ou coisa parecida de nome KALAFFI de São Paulo, que deu o fim a esta grande firma. Hoje ela está como triste lembrança para todos aqueles que a conheceram ou ali trabalharam. A gente se comove, quando se sabe que um empreendimento tão grande, que naquele tempo foi criado com o suor e trabalho de imigrantes alemães, e que hoje, como parece, está sujeito à ruína e entregue a um triste fim. A não ser que, como a maioria de Itoupavenses ainda esperam, passe para outras mãos, em vez de permanecer nas deste senhor Kalaffi que até agora nada mostrou do que é capaz. Realmente uma vergonha! Ou será talvez um castigo contra os antigos proprietários a velha guarda que há anos já deixou este mundo.

BRASIL-POST

Nº. 2033. Pag. 8
Dia 02 de Dezembro de 1989.

Uma nova firma, no modelo e qualidade da companhia antiga, a Cia Jensen, provavelmente nunca mais surgirá, e também um chefe como o "William" que logo que deixou, ou teve que deixar a firma, morreu de máguia com 75 anos de idade. Por que foi vendido uma empresa tão ramificada?

Era incompetência da direção? Eram desentendimentos internos de família?... Aqui não se sabe

se o velho ditado alemão não está bem empregado: "injustiça feita nunca tem vez" ou "Ingratidão é o pagamento do mundo". A existência da Cia. Jensen Agrícola Industrial e Comercial com sua terra cultivada e criação de gado holandês, implusionva toda a bonita Itoupava, inclusive a Igreja Evangélica no morro.

Muitos trabalhadores esperam ainda hoje pela reabertura da "Frigor", da qual afirmam que foram prejudicados em seus direitos trabalhistas.

A Vida de meus avós paternos.

Meu avô F.K.W.Z chegou com a segunda onda de imigrantes em 1860/65 a Pomerode. Sua esposa, a avó Ulricke Richter veio para cá aos 16 anos. Ela era da Pomerânia e chegaram depois de uma viagem tempestuosa de oito semanas num veleiro, ao Brasil. No veleiro eram jogados de lá para cá, não só assustando as crianças mas os adultos que também ficaram com medo. Já a meio caminho da viagem queriam obrigar o comandante a regressar. Aconteceram tumultos a bordo e quase resultou num motim, se alguns marinheiros sensatos não tivessem interferido. O espírito de mal estar desapareceu, e como um sinal de socorro o mar revoltou se acalmou. Nesta viagem veio o menino Hermann de 8 anos de idade. Meu avô passou para a nova Colônia, Pomerode, no meio da floresta. Ele em Blumenau, como muitos de seus colegas imigrantes, tiveram que trabalhar na construção de estradas. A afirmação de que um fez isto o

outro aquilo é tudo mentira. Eles moravam numa pequena choupana de palmitos e tinham dia e noite um fogo aceso para que os jaguares não se aproximassem do casebre, pois muitas vezes estes carregavam com seus porcos e bezeros dos curais. Certa noite a minha avó teve que afungetá-los com uma lata de petróleo e óleo, porque uma onça tinha arranhado a entrada da choupana primitiva e soltava urros terríveis; felizmente ele voltou para a floresta, pois em volta tudo ainda era floresta virgem, o vovô trabalhava, em Elumenau, distante 40 Km e só voltava no fim da semana, altas horas da noite, passando por "picadas" até chegar a sua moradia. Quando faleceu seu primeiro filho (seu marido trabalhava em Blumenau e como já disse muito distante) minha avó precisou pedir ao vizinho que construísse um caixão; por falta de tábuas foram usados palmitos e como pregos, buchas de madeira. A vovó com seus sete filhos, se viu sozinha na floresta. Depois de 10 dias, quando o vovô regressou, ficou surpreso por ter mais um menino falecido naquela semana. Não havia possibilidade de mandar aviso, pois só havia "picadas" e depois os estranhos também não sabiam o lugar de trabalho; e nada adiantava, pois já era tarde demais. De que morriam ninguém sabia. Em toda vizinhança não havia farmácia ou médico e dinheiro era escasso. O ganho mal e mal dava para viver e as dívidas tinham que ser pagas; disto os velhos alemães tinham senso de responsabilidade. Não pensavam, como a maioria hoje: dívidas não são lebres, não fogem". Por exemplo: "Hoje pululam famílias com cri-

anças em propriedades alheias, se fixam ali, na maioria preguiçosos exigem que o governo lhes presenteie a terra e se possível ainda os sustente; são instigados por estranhos e ainda animados para isto, torna-se difícil a polícia tirá-los de lá. Nossos pais, ou principalmente os imigrantes, ganharam terra de presente do governo? Ou o senhor, caro leitor? Uma filha casou com um espanhol, e de tanta saudade faleceu. Uma outra casou com seu irmão adotivo, Elehdamm. O avô F.K.W. Z. faleceu cedo de infarte no dia da inauguração no velho cemitério na Pomerode de cima. Sua sepultura ainda se encontra conservada.

O avô materno K.K. Meyer, emigrou em principio de 1870 para Elumenau, com apenas 18 anos de idade. A vovó Maria Jung veio com a idade de 12 anos ao Brasil. Casaram no Brasil. Parece que vieram com a terceira leva de imigrantes; o avô era um homem com boa escola. Ele teve uma vida muito difícil; esteve ocupado como professor e também para chegar ao local de trabalho tinha que passar por picadas. Também ele representava o pastor em ocasiões de sepultamentos e era diretor do coro na Itoupava Central. Ele era natural de Magdeburg, bem como a sua esposa. Quando ele tinha cerca de 60 anos, em certa ocasião um galho de árvore que caiu o atingiu no olho. O ferimento foi grave e ele ficou cego deste olho. Ele se desesperou e isto o levou a ficar cego do outro olho. Este golpe do destino o atingiu profundamente, pois agora não mais podia ler os jornais que ele recebia da Alemanha. Mas ele não desari-

mou. Eu me lembro de tudo como se tivesse sido ontem, pois eu gostava muito de meu avô. Ele sentava minha irmã Karin e eu nos joelhos e nos ensinava as mais lindas canções populares alemãs e também narrava muitos contos e lendas. Ainda hoje, depois de 70 anos, me lembro das canções e às vezes fico cantando-as.

A repentina cegueira de um homem cheio de vida e com saúde, todos podem imaginar. Quando o avô K.K. faleceu eu pensei que o mundo ruiria. Eu não conseguia mais cantar uma canção, nem ouvi-la. Me escondia debaixo da casa, quando ouvia música. Meu avô faleceu em 1915, cego durante 15 anos, com 75 anos de idade. Um ano mais tarde nascia meu irmão Guenther, o único em toda a família. Agora já havíamos mudado. Os pais adquiriram um terreno grande com casa e se dedicavam em especial à agricultura. Junto tinham um pequeno negócio, pensando progredir assim mais rápido (como acontece na vida). Como o local, hoje pertencente a Gaspar, era muito pequeno, conseqüentemente a frequência também era pequena, e assim a luta pela vida também era maior. Depois de uns 4 anos da mudança de localidade, faleceu meu pai com 42 anos de idade. Agora minha mãe se encontrava sozinha com 6 filhos menores. Como nossa querida mãe lutou para manter a nós seus filhos! Era mesmo de dar pena. Ela não só cuidava da "venda" que era dirigida pela irmã Maria. Não! Ela ia também a roça para capinar, buscava o trato para os

animais, porcos, galinhas etc, mas também cortava lenha e até derrubava árvores. Eu não sei se naquele tempo havia muitas mulheres que tinham um destino parecido. A vontade de progredir de minha mãe era surpreendente. Toda sua preocupação e trabalho girava em torno da alimentação e formação escolar de seus seis filhos, para depois cuidar de liquidar suas dívidas o mais rápido possível. Mãe era muito trabalhadora, muito boa, honesta e econômica. Sua imagem para nós no futuro foi modelo, pois todos aprendemos a trabalhar, seja em casa ou no campo. Mas era uma educadora severa e cuidou para que frequentássemos a escola alemã, além das escolas do governo. A melhor e mais longa escola teve nosso irmão. Além da boa escola particular na Itoupava Seca, ele estudou alguns anos no Colégio Católico Santo Antônio em Blumenau.

E agora mais alguma coisa sobre a maneira severa de ser da nossa mãe e que logo seja dito "de uma mãe querida nunca se pode falar demais". Como já dissemos ela era boa, honesta e muito severa.

Assim por exemplo, nunca permitiu que suas meninas fossem sozinhas ao baile ou chegassem tarde à noite para casa. O que acontecia se não a obececessemos? E hoje? Se observa a liberdade, melhor falando, a falta de vergonha da juventude de hoje! Seja aqui no Brasil ou na Alemanha de hoje da qual todos nós descendemos. Parece que tudo aconteceu num outro planeta.

Nossa mãe nunca mais casou, apesar de ser ainda relativamente jovem na época da morte de nosso pai. Ela também não teria gostado que seus filhos tivessem casado com um luso-brasileiro; para isto ela pensava muito como almã; no entanto, não odiava nenhum luso-brasileiro, pois muitas vezes tínhamos negros como trabalhadores, que não falavam alemão. Ela faleceu em 06 de julho de 1952 no Hospital Santa Catarina, numa operação de hérnia, feita pelo Dr. C. R. Krüger. Agora ela já descansa há 36 anos no cemitério de Itoupava Norte. Descanse na paz de Deus querida Mãe!

Minha Tia Maria

Minha Tia Maria era casada com K. Küster, e eram boas pessoas. Moravam na Tatutiba. Tinham muita terra e se dedicavam a agricultura. Tinham 16 filhos e levaram uma vida pesada. Três filhos morreram jovens. Um deles, certa noite, conduzindo uma lamparina de petróleo, foi buscar um tubérculo de cará, para o fabrico de pão; incendiou a roupa e em consequência das queimaduras morreu. Uma segunda criança morreu afogada numa poça de água que se encontrava na propriedade. A causa da morte da terceira criança, é desconhecida para mim. Mas imaginem minha tia trabalhando grávida na roça; repentinamente sentiu as dores do parto, e isto foi muito rápido; teve a criança ali mesmo sozinha. Usou duas pedras afiadas, com as

quais cortou o cordão umbilical, enrolou a criança no avental e foi para casa. Tornou-se uma criança alegre e sadia. É assim que viviam nossos parentes e imigrantes. Tio W. sofria dos rins e nenhum médico pôde ajudá-lo. Cansado de tanto sofrimento, suicidou-se com um lenço, numa figueira. Minha tia ficou muito idosa e faleceu aos 84 anos. Já bem idosa, ainda fraturou o fêmur. Eu creio que nenhum de meus primos ou primas ainda viva.

Coronel Peter Chr. Feddersen

Coronel era chamado mas nunca serviu ao exército alemão. Certamente lhe foi dado este título como o que se dava antigamente aos grandes proprietários de terras, mais em honra, por motivos políticos ou outros privilégios. Quem não se denominava antigamente de "coronel"? Na maioria estes "coronéis", não eram nada mais do que exploradores de trabalhadores, como se lê na história. Peter Christiano Feddersen realmente fez alguma coisa tão significativa para Blumenau? Eu naquele tempo, quando a Cia Saling S/A na Itoupava Seca estava no auge de seu brilho comercial e P. Chr. Feddersen era gerente, frequentava a escola particular de Max Humpel e D. Maria. Eu o via e o encontrava diariamente. Geralmente usava um terno cinza, uma vistosa corrente de relógio no colete, que naquele tempo certamente estava na moda e muito caro também. Quando Harry Zuege, há alguns anos escreveu sobre Peter Christiano Feddersen, o senhor Frederico Killian esforçou-se pouco tempo depois para dar uma espécie de réplica e es-

creveu detalhadamente sobre P. Chr. Feddersen. Muito bem, todos não podem escrever e saber tudo e todos tentam como podem. O principal, é que se fique nos moldes da realidade e eu creio que isto fazem estes dois talentosos conhecidos colaboradores do "Erasil-Post". Já naquele tempo se cochichava por detrás dos panos que P. Chr. Feddersen era bom demais (o fundador Gustav Salinger, parece que já deixou a firma) e a maioria dos dirigentes das filiais ganhavam mais que a casa matter. Certamente muita coisa era verdade, pois como é que em tão curto espaço de tempo puderem ser fechadas 8 ou 10 filiais se estas não trabalhavam com déficit. Isto foi o início de um melancólico fim, de uma das maiores firmas comerciais, não só em Blumenau, mas em toda Santa Catarina. Era mesmo assim o fim honroso? Talvez! O que eu lamento é de que a um homem seja lá o que ele fez pelo lugar, cidade ou mesmo picadas, não é erguido um monumento, ou um lugar com o seu nome. Era meu avô K. K. Meyer, que veio com um dos primeiros grupos de imigrantes, trabalhou como professor, auxiliar de pastor, dirigente de coro etc. A ele se deu o nome a uma rua? Enfim, não se sabe hoje depois de passados cem anos, se foi um esquecimento ou se os dirigentes políticos e administrativos na época do Dr. Blumenau pensavam muito em honrar os grandes méritos de um insignificante homem, em seu nome. Oportunidade para isto ainda existe.

A antiga casa comercial de Sallinger ainda hoje lá se encon-

tra no velho estilo, só carcomida pelos cupins e outros inquilinos. Os grandes galpões, destinados aos diversos ramos da indústria, hoje ruíram em grande parte. Na antiga casa comercial, apesar de já há anos ser declarada pelas autoridades como "condenada", apesar da proibição, estão instaladas pequenas lojas. Um privilégio de que não desfrutam todas as classes. Estranho não é verdade? A grande área, com o restante das edificações foi adquirida por uma grande firma comercial blumenauense. Só o futuro mostrará o que será feito desta propriedade de merecido respeito.

Meu irmão se casou em 27 de fevereiro de 1941 com S.O. Um ano mais tarde nascia o primeiro filho, que recebeu o bonito nome de Ottomar. Em abril de 1945, nascia o segundo filho, nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial. Ainda no ano de 1943, meu irmão fez uma aposta com o lageano Chico Peres, de que a Alemanha ganharia a guerra. Mas como soubemos foi o contrário. Ele pagou a aposta e deu ao senhor Peres ainda um gordo porco. Quatorze dias mais tarde ele recebeu uma convocação do comandante do quartel para apresentar-se para ir como "expedicionário" à Itália.

Isto não só foi para ele um grande susto, mas também para nós irmãos. Nosso irmão na Guerra? Lutas para quem e por quê? Pelo Brasil? Por que o obrigaram para isto. A causa da guerra já não era uma coisa há longa data preparada pelas altas finanças inter-

nacionais? Contra a Alemanha e não só contra o regime nacionalista de Hitler? Muito bem, aconteceu mas o caso mudou. Uma lei favorecia todo aquele que casara antes de abril de 1941. Assim, nosso irmão e mais alguns blumenauenses escaparam da convocação.

BRASIL-POST

Nº. 2035. Pag. 8
Dia 16 de Dezembro de 1989.

Minha cunhada Olivia com seu filhinho, meu sobrinho mais jovem, ainda se encontravam no "Johanna-Stift" a maternidade da comunidade evangélica de Blumenau (hoje Turismo Holzmann). Nos dias seguintes a Alemanha capitulou incondicionalmente. No dia 08 de maio foi assinada a capitulação e em quase todo o Brasil aconteceram festividades, assim também em Blumenau. Os "queridos aliados" agiam e faziam o que bem queriam e todos os alemães eram alvos de seu despotismo e caça livre. Todas as mulheres tiveram que deixar a "maternidade"; entre elas, estava minha cunhada Olivia com seu filho Karl-Heinz. Meu irmão me procurou e pediu: Isa, vá buscar Olivia na maternidade. Assim o fiz. Minha filha Carla estava sentada na boleia ao lado do cocheiro, e nós fomos de ônibus à cidade. Era à noitinha do dia 1º de maio. O que eu vi? Ninguém. A cidade estava vazia. Eu esperava por um carro ou carro de mola para buscar minha cunhada. Ninguém! Blumenau parecia abandonada. Nós esperamos, por mais de uma hora diante do antigo correio na Alameda Rio Branco, aguardando uma condução. Nada

apareceu. Repentinamente veio um longo cortejo de cerca de 200 pessoas. Carregavam bandeiras de não sei quantos países (menos a alemã) e no centro um enorme boneco, representando Hitler, media pelo menos 10 metros de altura. Cantavam e dançavam porque a Alemanha perdera a guerra. Depois de mais uma hora passada chegou finalmente um carro de mola. Eu pedi que ele me levasse até a maternidade que era perto e ele concordou logo, mas, receoso, perguntou: - será que ninguém vai nos incomodar? Não, ninguém nos incomodou e levamos Olivia e o filho são e salvo para casa. Durante o cortejo de ódio e festa da vitória, um grupo de instigados demonstrantes vinham arrastando algumas pessoas aos gritos de vivas, entre eles um mecânico de oficina há muito radicado em Blumenau. As blasfêmias e ofensas aconteciam em via pública e não era nada mais que manifestações de ódio e inveja contra os melhores situados, que em anos de trabalho árduo conseguiram alguma coisa e já em 1945 elevaram Blumenau à categoria da cidade que é um exemplo em todo o país.

É preciso destacar aqui, que o advogado: Dr. Luiz N. Stotz, nesta festa da vitória, hoje, no entanto, já falecido, filho de primeira geração de alemães, com discursos de ódio e instigantes procurou culpar a Alemanha de todo o mal da Guerra.

Nosso Casamento

Nós casamos em 14 de Novembro de 1934 em Blumenau. A primeira criança uma filha recebeu o nome de Carla; em seguida

um menino, que tomou o nome do pai Hans G. K., nascido em 26/05/1947. A renda de meu marido, ele era ferreiro, era modesta e mal dava para viver. Depois de muito economizar, conseguimos construir nossa casa, na qual hoje ainda moramos. Mas graças sejam dadas ao bom Deus que nunca nos faltou de comer e vestir. Nossos dois filhos são casados e eles vivem confortavelmente bem. Eles também já têm

filhos e assim tenho netos. Todos estão bem e têm saúde. Eu confio em Deus que Ele os protegerá e lhes dará uma vida feliz com muita saúde. Eu amo meus filhos e netos de todo o coração e lhes desejo tudo de bom. Deus nosso criador os proteja. Amém.

OBS.: A autora destes artigos assina como: ISA A.K.

TRADUÇÃO: Edith Sophia Eimer.

O custo do imposto sobre o fumo no século passado

O jornal «Blumenauer Zeitung» publicou, na edição do dia 14/08/1897, o seguinte:

«De conformidade com o Decreto nº. 2.420 de 31 de dezembro de 1896, se faz público que o imposto de fumo e seus preparados será cobrado por meio de estampilhas, o imposto a que está sujeito o consumo do fumo e seus preparados, recai sobre a venda, ou seja um lugar determinado ou por mercador ambulante, qualquer que seja a forma porque se realiza, do fumo em bruto ou preparado sem excluir o de procedência estrangeira, que já tenha pago os respectivos direitos de importação. Considerar-se-á fumo em bruto — o em folha, molho ou pasta, corda ou rolo. Fumo preparado — o picado, desfiado ou migado ou o convertido em charutos, cigarros, rapé de qualquer modo preparado e qualquer que seja a sua denominação. Todos os fabricantes, mercadores de fumo em bruto ou por qualquer modo preparado, registram anualmente até 31 de janeiro de cada ano, cada casa que empregado tiverem nesse tráfico. Pelo registro para o comércio de fumo pagarão de selo o seguinte: Fabricantes de preparados de fumo e mercadores por grosso ou em grande escala. — Rs. 100\$000.

Mercador exclusivamente de fumo e seus preparados, vulgarmente chamados charuteiros;

com fábrica

Rs. 50\$000.

sem fábrica

Rs. 30\$000.

Mercadores com diversos ramos de negócios, como sejam botequins, bilhares, casa de pasto, de gêneros alimentícios e outros idênticos, que vendam fumo e seus preparados com aditivo ao seu comércio. — Rs. 20\$000.

Mercadores ambulantes e particulares que fabriquem por conta própria ou alheia Rs. 20\$000.

Os registros são transferíveis e serão cobrados integralmente em qualquer tempo que sejam tirados, quem deixar de negociar em fumo e seus preparados é obrigado a fazer a devida declaração a repartição fiscal no prazo de 30 dias. Quem quiser negociar em fumo, deverá sollicitar à repartição competente o registro.

Os donos ou administradores de fábricas de fumo e seus preparados organizarão escrito em livro especial, onde se possa ver mensalmente as saídas dos produtos para consumo e bem assim o movimento das estampilhas, estes livros serão selados, rubricados ou autenticados nas respectivas repartições locais.

Das multas: A recusa ao exame da escrituração especial ou a falta de escrituração sujeitará o infrator a multa de Rs. 1:000\$000 a Rs. 5.000\$000.

Ficam sujeitos a multa de Rs. 300\$000 todos os estabelecimentos em que for encontrado a escrita atrasada, devendo ver em ato continuo lavrado no próprio livro o termo de infração e enviado o auto à autoridade competente.

As multas impostas no atual regulamento serão aplicadas no máximo aos fabricantes, menadores ou negociantes de fumo que não tiverem o competente registro. O consumidor que tolerar ou ocultar qualquer das infrações antecedentes e considerando e punido como se fosse autor delas.

As estampilhas serão coladas pelo mercador ou fabricante no envoltório externo, de modo que aberto este, fiquem inutilizadas observando-se o seguinte:

- 1) Nos pacotes, sacos de papel e nas caixas — nos fechos
- 2) Nas barricas — nos cabeços
- 3) Nas latas — tanto sobre a parte inferior da orla da tampa como sobre o corpo da lata na parte da orla.
- 4) Nos demais envoltórios qualquer que sejam suas formas e dimensões sobre as partes em que devem ser abertos.
- 5) Nos maços de cigarros e de charutos vendidos fora das caixas, na banda ou faixa que os reunir e nos charutos soltos no centro de cada um em forma de anel. Os dois extremos do maço serão apanhados por uma fita de papel, cujas pontas se prendam a banda ou feixa no lugar onde a estampilha tenha de ser colada.

Tabela das taxas a que ficam sujeitos o fumo e seus preparados:

Fumo em bruto de procedência estrangeira, por 500 gramas ou fracção desta unidade Rs 250. Fumo picado, desfiado, ou migado de produção estrangeira, por 25 gramas ou fracção desta unidade. Rs. 10.

Charutos de fábrica estrangeira: cada um Rs. 100.

Charutos vendidos em caixa ou preço de fabrico, interior a Rs. 80.

Charutos vendidos a granel, ou de preço de fábrica, inferior a Rs. 80, cento Rs. 020.

Cigarros de produção estrangeira, por maço de 20. Rs. 059. Por fracção de excedente de Rs. 050.

Os cigarros de mortalha ou capa de fumo de procedência estrangeira, pagarão o dobro da última taxa. Papel para cigarros, em livrinhos ou mortalha Rs., 2.500 por kilograma.

E, para que chegue ao conhecimento de todos os interessados publicou-se o presente edital, ficando em vigor o presente regulamento desta data em diante.

Coletoria das Rendas de Blumenau, encarregada da União, em 9 de agosto de 1897.

O coletor — **Francisco da Cunha Silveira.**

ARQUEOLOGIA LITERÁRIA

Iaponan Soares é um apaixonado pela obra de Cruz e Sousa. Há longos anos vem rebuscando tudo que respeita ao poeta em bibliotecas, arquivos, jornais, revistas, livrarias e sebos. Graças a essas pacientes pesquisas muitos trabalhos inéditos, em prosa e verso, vieram a público, e muitos fatos relacionados com a vida do sofrido conterrâneo se tornaram conhecidos. Todos esses elementos vêm contribuindo para uma visão mais completa de Cruz e Sousa e sua obra e, com certeza, irão colaborar na interpretação mais precisa de sua realização poética. Mesmo que essas novas informações possam às vezes parecer menores, são sem dúvida importantes, como é importante tudo que se refere a um poeta genial como o autor dos «Broquéis».

Boa parte do resultado dessas buscas incansáveis foi reunida por Iaponan no volume «Ao redor de Cruz e Sousa», lançado em 1987, e registrada em numerosos artigos por ele publicados na imprensa.

Mas o pesquisador autêntico não se descuida. Seu «faro» está em permanente alerta, e foi assim que ele soube do achado inquietante de um bibliófilo, nas estantes de um sebo carioca, do raríssimo exemplar de uma obra que não constava da bibliografia do poeta. Tratava-se de «Julieta dos Santos», pequeno livro de versos publicado em co-autoria por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Santos Lostada, no longínquo ano de 1883 e que estava totalmente esquecido, inclusive pelo seu principal co-autor que não o relacionou entre seus livros (ou o teria repudiado?).

A pequena plaqueta tinha 44 páginas e continha poemas do trio de poetas, todos eles dedicados à Francisca Julieta dos Santos, o «gênio dramático brasileiro» que arrebatava os amantes do teatro naqueles dias. Era uma homenagem à precoce atriz e declamadora gaúcha, cuja estréia no Desterro deixou extasiados os jovens poetas. Uma menina nascida no Rio Grande do Sul que se iniciou no palco aos seis anos de idade, teve um brilho tão extraordinário quanto fugaz, depois desapareceu e teve melancólico fim. Os poetas catarinenses, coerentes com a louvação geral da pequena artista, resolveram homenageá-la com seus versos, reunidos no pequeno folheto, certamente um dos poucos documentos da apresentação de Julieta no Desterro. Publicado em reduzida tiragem, o livrinho logo se esgotou, permanecendo em completo esquecimento por mais de um século, ou, mais precisamente, por 116 anos, até que a quem, fossando velharias, permitiu sua volta à circulação.

Com base no exemplar encontrado, a Editora da UFSC publicou uma edição fac-similar do curioso livrinho, colocando-o novamente nas mãos dos leitores de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Santos Lostada, além de possibilitar uma visão exata do que era a publicação original. Contribuí também para complementar a obra dos poetas e, com certeza, será buscado com ansiedade pelos aficionados desses autores, principalmente de Cruz e Sousa, que são muitos e espalhados pelo País.

A edição fac-similar foi orientada e preparada por Iaponian Soares a Ubiratan Machado, autores também do ensaio publicado a título de «Apresentação», repleto de informações sobre o folheto, dados biográficos da homenageada, análise dos poemas, valorizando ainda mais a preciosidade bibliográfica e literária resgatada pelo Acaso.

DUAS DÉCADAS DE ATIVIDADE

Foi em 1970, em plena vigência do AI-5, que um poeta e escritor corajoso se lançou numa nova empreitada. Deixando de lado as letras jurídicas, pois é também advogado, Benedicto Luz e Silva arquivou o Código e assumiu a condição pública de editor. Fundou, então, a Editora do Escritor, cuja primeira sede, no velho Edifício da Paz, no centro da Paulicéia, fôra em outros tempos o escritório do poeta Guilherme de Almeida, onde ele escrevia seus poemas, recebia os amigos e com eles ruíava para a Confeitaria Vienese, situada no mesmo prédio, onde o papo ia pela noite a dentro.

Enfrentando toda a sorte de dificuldades, a nova Casa começou a produzir. Seu primeiro livro publicado foi «Desafio ao Imortal», de autoria de Eico Suzuki, e desde então cerca de 400 títulos vieram a público com o selo da Editora do Escritor. Autores de todos os gêneros e de todos os recantos do País viram seus livros por ela editados, inclusive diversos catarinenses. Entre estes, com livros individuais, ela lançou Pêrcles Prade, C. Ronald, Edson Ubaldo, Evaldo Pauli, Enéas Athanázio. Em livros coletivos, de prosa ou de verso, apareceram Lindolf Bell, Holdemar Menezes, Osmar Pisani, Raul Caldas, Ricardo Hoffmann, Rodrigo de Haro, Vilson Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Rosemary Fabrin, Pedro Grisa, Edison Jardim Filho, Maura de Senna Pereira, Sylvio Pirajá.

Publicou também incontáveis folhetos, plaquetas, separatas, revistas e jornais, tudo voltado para um único objetivo — a cultura. Criou e tirou 18 números do periódico «Em Revista», misto de antologia e revista, em formato de livro, que teve muita repercussão e inovou nessa área de edições literárias.

Agora, quase chegada à maloridade, e EE é das mais conhecidas e seus livros estão em toda a parte. Continua em plena atividade e recentemente abriu sua livraria, ponto de encontro dos amigos das letras. Para marcar seus 20 anos de existência, está organizando uma coletânea de contos onde aparecerão inúmeros de seus mais antigos editados.

ANTOLOGIA OESTINA

«Enquanto houver voz, cantaremos» é o nome da terceira antologia dos autores de Chapecó, publicada por João Scortecci Editora — São Paulo (1990). Nela aparecem os versos dos poetas Agostinho Lourenço Duarte, Anair Weirich, Carminda de Jesus, Gessiani Fátima Larentes, Luciane Marchese, Maria Aparecida Gobbi, Paulo Andress, Pedro Albeirice, Silvério Ribeiro da Costa, Vânia Augusta Célia Piazza e Volnir Mendes, todos nascidos ou residentes em Chapecó, onde formam um grupo coeso e decidido, cuja produção começa a aparecer com muita

BATURITÉ

Hermes Justino Patrianova

Mais um compromisso — o quinto,
Com BLUMENAU EM CADERNOS,
De escrever VELHO TUPI
Para os ARQUIVOS MODERNOS
DA BIBLIOTECA — «BLAU»
DA CASA DE BLUMENAU.

Copiamos, hoje, do nosso Livro inédito — TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que segue.

«**BATURITÉ** — 1 **Geografia**. Veja **Vila Baturité** — Vila e Distrito pertencentes ao Município de Afuá, Estado do Pará, também chamados **Vila Baturité**, da Microrregião dos Furos.

2 — Cidade e Município do Estado do Ceará, situados ao Norte, nas proximidades da Serra Baturité; Povoado (Vila e Distrito) fundado em 1762; Cidade e Município em 1858, da Microrregião da Serra de Baturité.

3 — Serra da Faixa Norte-Oriental do Estado do Ceará, localizada no Município de Baturité, entre os Rios Pacoti e Canindé; um Prolongamento da Serra do Machado, do Maciço Central.

ORIGEM TUPI: BATU (Anta, o mesmo que **Tapira**) + (R)ETÉ = RETÉ, corrompido para RITÉ (Corpo) = CORPO DE ANTA = ANTA MORTA = BATURETÉ = BATURITÉ.

Tapira e **Batu** são os verdadeiros nomes da Anta; mas existem as Variedades **Batupeva** e **Batuvira**, isto é, **anta chata** e **anta erguida**, alta, levantada.

Há uma Raça de Índios e uma Variedade de milho vermelho também chamados **Batu** ou **Batum**, que levariam à composição de **Baturité**, corruptela de **Batureté**.

Não temos dúvida, quanto à tradução, que é correta: CORPO DE ANTA ou ANTA MORTA que, tanto pode ter sido produto de uma caçada à antas ou à forma da Serra, semelhante ao corpo do animal morto.

Cristóvão de Mauricéa — NOMES GEOGRÁFICOS ABORÍGENES: — «**BATURITÉ** — Grande Montanha; a Serra por excelência; alteração de ybytyra-eté: ybytyra (Montanha, Cerro elevado), e **eté** (Au, emtativo)».

Puro engano!

Teodoro Sampaio — O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL — «**BATURITÉ** — (**Ybytyra-ité**) — Montanha verdadeira».

Se o nome da Serra fosse Bitireté, haveríamos de dar o prêmio correção ao Autor de **Nomes Geográficos Aborígenes**. Mas como também não é **Bitirité**, também não o daremos ao famoso Autor de **O Tupi Na Geografia Nacional**, Teodoro Sampaio».

A Colônia Polonesa em Santa Catarina

Cartas de Boleslaw Mrowczynski para José Ferreira da Silva, referente aos poloneses no Brasil, mais precisamente Santa Catarina

(Traduzido por Edith Sophia Eimer)

"02-586 Varsóvia, 28 de abril de 1973.

Prezado Senhor Ferreira da Silva:

Recebi sua carta de 29 de março (com cronografia) e também o livro "Brusque". Muito agradeço o cuidado com o mesmo. O mapa do Estado de Santa Catarina ainda não chegou. Acredito que o enviou num outro envelope?...

O senhor não mencionou minha carta de 25 de janeiro, com meu artigo publicado no "Tribune d' Apole". Será que ainda não chegou? Eu me lembro bem que nesta carta mencionei somente o desejo de esclarecer a partida súbita de Zielinski. Pensei que após minha carta, seu interesse no assunto tivesse diminuído, mas vejo que isto não aconteceu. Eu continuo interessadíssimo. De acordo com minha opinião, estes acontecimentos em Sixteen-Lots tem uma explicação muito simples, não só a história polonesa-brasileira mas é também a chave de tudo, pouco conhecida e mesmo um período misterioso na história de Sta. Catarina. Justamente aqui vou me deter no relato dos acontecimentos, para não abusar de sua boa vontade e por não interferir em sua parcialidade.

Hoje me parece que podemos ventilar estes difíceis problemas sem qualquer prevenção. Passa-

ram-se cem anos destes acontecimentos. Eu posso constatar sem infringir num princípio indubitável e que felicitará nossa correspondência. Os imigrantes desta época eram antes de tudo prussianos, alemães, poloneses, italianos, etc. Um homem não pode simplesmente mudar sua nacionalidade com uma simples declaração. Ele terá que ser leal mesmo diante de seu novo país. Mas quando diz que com a mudança de domicílio também muda de nacionalidade, isto é uma mentira e revela a má intenção. Em princípio é um homem sem moral que apenas procura vantagem pessoal.

Em verdade não podemos reprovar esta atitude dos antigos emigrantes. Eu vejo com grande respeito a atitude do Governo Imperial e de todos os brasileiros daquela época, que entendiam o motivo desta troca de identidade. Graças a esta sagacidade, os emigrantes tiraram a força e sobretudo o entusiasmo de criar o tipo simpático do brasileiro de hoje em dia, tão bem descrito em sua última carta. Mas esta sagacidade não exclui a prudência. Os franceses, italianos, poloneses e portugueses não tinham diferentes ra-

zões. Os alemães sim. O Governo Imperial com grande atenção observava todas as iniciativas políticas da Prússia e conhecia bem a história deste Estado. Este Estado, que durante séculos elaborava seus métodos de conquista estendendo com polidez as mãos a seus vizinhos e territórios para depois enviar os homens e seu exército. Foi por esta razão, que o governo brasileiro sabia exatamente o que fazer quando o navio "Nymph" entrou em águas brasileiras.

O historiador trabalha sobre documentos, se estes lhe faltarem, não pode trabalhar. O escritor, como o senhor deve ter percebido, está numa posição bem mais cômoda. Para ele os documentos tem o mesmo valor, mas ele pode se servir de muitos outros recursos, sobretudo da psicologia e sociologia. Bem entendido: ele deve apresentar seus personagens, em seus livros com todos os seus sentimentos e paixões. É por esta razão que há critérios suplementares. Se qualquer documento não está em concordância como por exemplo, com a psicologia, então pode-se dizer sem errar que ele é falho. E vice-versa, se a psicologia, sociologia ou lógica diz que ela existe é certo que há condições e é preciso pesquisar os documentos para que se chegue a conclusões.

Como pode ver, o historiador e o escritor caminham sobre rotas diferentes e aqui certamente encontra-se o caso do senhor. Eu estou tranquilo. No fim da rota o historiador e o escritor encontram-se novamente, porque completam-se perfeitamente. Na verdade eu digo que o escritor sério

deve entender bem sua responsabilidade social.

Mas agora um pouco sobre os acontecimentos reais:

Depoimento de Zielinski. Sobre este não existe data. Será que não existe documentos? Creio que é impossível.

— De onde provém este documento? Dos Arquivos Episcopais de São Paulo? E se for assim, este arquivo não lhe enviou outros documentos?

— Não sei se o senhor se apercebeu da importância deste documento. O senhor sabe que o Padre Piton me escreveu após visitar os arquivos de São Paulo? Ele escreveu o mesmo, bem mais extenso, no entanto, em seu livro ainda inédito. Será que nós nos deparamos com um novo fato, um fato contemporâneo que vai salvar os cronistas dos "Annaís" de antigos erros? Se este documento é de São Paulo, não é possível que não o conheça. Eu serei muito reconhecido em receber qualquer informação mais precisa sobre esta questão.

A fuga de Zielinski. Colono polonês, isto não é verdade. Oswaldo R. Cabral que certamente conhecia bem todos os números do "Colonie Zeitung", não disse uma palavra sobre o referido artigo. E agora sobre o segundo aspecto do artigo. Este é realmente revelador. Na minha carta de 20 de fevereiro escrevi sobre as diferentes versões da "peregrinação" de Saporski. A primeira é idêntica a publicada pelo Dr. Józef Siemiradzki e idêntica a versão do "Colonie Zeitung". É verdade que há duas diferenças, mas apenas formais: aqui marcha à frente de todos Saporski, acolá Nicolaus Singer à frente dos colo-

nos poloneses ao estilo alemão. Qual versão mais provável?... Será que é a do "Colonie Zeitung" e eu tenho receio de apoiá-la e quero me abster de qualquer constatação. Já que não temos, nem eu nem o senhor, a data da publicação do artigo nem o número do jornal. Como historiador que o senhor é, deve estar ao par, tanto quanto eu, que sem estes detalhes, em especial sem a data, o artigo publicado não pode ser analisado. Gostaria que o senhor me enviasse estes detalhes se for possível. Fotocópias ou mesmo cópias autenticadas. Pois sem um comprovante sobre este artigo, a responsabilidade social seria muito grande para mim.

Agora um pouco sobre a existência dos poloneses em Santa Catarina, em especial na Colônia de Brusque antes de 1890. Todo jurista e também os lógicos conhecem bem o princípio fundamental do direito e da lógica, mas não é possível justificar seu valor.

Ao transportar esta regra para a história aqui, ela ainda está em vigor e podemos afirmar que os poloneses viveram em Brusque e S. Lots e nunca se pode negar este fato. Se o cronista do "Colonie Zeitung" não conhece esta regra — não podemos entender. Mas se um historiador como Ayres Gevaerd o omite, já é um fato grave. Porém o perdão por ter escrito estes fatos antigos na sua maior parte em alemão. Todo seu livro sofre a influência alemã. A tese de Bismark era: não existe Estado polonês e não existe Nação polonesa.

É por este motivo que o Sr. Gevaerd tem em seus arquivos e

estatísticas, muita influência "prussiana". Mas há também depoimentos poloneses. Osvaldo Cabral traz estes documentos e eu posso acrescentar muitos outros sobre a Polônia e Paraná. Ele certamente desconhece que os "austriacos", em especial após 1874, na sua maioria eram colonos poloneses da Galícia. Mais outro pormenor, os russos aparecem na estatística de Blumenau e outras colônias apenas após 1920, antes não existiam no Brasil, só em número reduzidíssimo. Estes "russos" antes de 1890 eram em massa "poloneses" que viviam em terras anexadas pela Rússia, alguns lituanos, letões, estonianos, etc.. Também a existência de poloneses em S. Lots é um fato histórico, pois deles falam documentos arquivados no Paraná. Pode, no entanto, ser que estes poloneses em Brusque não eram somente colonos, mas também homens que o Sr. Gevaerd conhece muito bem. Por exemplo: o ministro protestante de Brusque, Henryk Sandreczki, era de origem polonesa e atualmente pesquiso estes traços nos arquivos: o vigário de Brusque por muitos anos era o Pe. polonês Francizek Ciszek, um bom polonês e a personagem mais interessante e mesmo misteriosa na história de Brusque. Ainda havia o homem de confiança do governo do Rio de Janeiro, este certamente interessará ao senhor, era Maksymilian Barowski. Ainda encontramos um excelente polonês e brasileiro também, que durante os eventos de S. Lots e mais tarde tornou-se pessoa de destaque na política colonial de Santa Catarina, o Sr. Juliusz Melchior Trompowski. É im-

portante frisar aqui que Saporski não conhecia nenhuma destas personagens, mas certamente Sandreszki, Borowski e talvez Trompowski conheciam Zielinski. Talvez seja possível encontrar nos dossiêrs destas pessoas, anotações sobre Zielinski, talvez mesmo em Brusque.

Mas o artigo do Sr. Gevaerd evocou em mim não somente os termos suplementares tão bem documentados no livro de Osvaldo Cabral, mais ainda a telepatia. Sim, a telepatia. Ao ler o livro "Brusque" eu me detive mais nos tecelões de "Lódz" / Lodz — a vila natal dos tecelões brasileiros. Por quê?... Porque Lodz, uma grande vila industrial, é também a minha cidade natal e onde passei minha infância. Eu conheço bem todos os nomes citados no artigo de Gevaerd. Mesmo seu nome não é estranho para mim, no entanto não é escrito "Gevaert" ou "Gevert E onde está a telepatia? Eis porque: eu pensei muito sobre estes tecelões brasileiros e certamente esta "transmissão" o senhor deve ter recebido. O artigo "Os tecelões de Lotz" a mim parece a propósito um pouco forte.

Não, eu não escreverei este artigo. Agradeço muito seu amável convite afim de escrever para "Blumenau em Cadernos", mas isto será muito difícil para mim. Eu antes de tudo sou um romancista, conheço, no entanto, bem o sofrimento e a responsabilidade de um historiador. Se eu escrevesse, por exemplo este artigo de Lodz, eu deveria passar muito tempo nos arquivos históricos afim de obter os fatos precisos e podem ainda não estar em ordem, ou não existirem. E que haja ainda uma viva tradição talvez entre os mais

antigos habitantes de Lodz, sobretudo a grande usina da família Schloesser. Uma boa tradição.

Aqui direi alguma coisa sobre meu artigo "Apolski bohater paranskiej gluszy" (Colonos poloneses no Paraná). Ao enviar-lhe este artigo a minha única intenção é: dar ao senhor o documento encontrado na Polônia, após cem anos, e a batalha na história brasileira contra os "maus profetas". Creio que é um documento que merece um lugar em seu arquivo. É realmente um documento histórico, mas destinado principalmente aos leitores poloneses e nunca foi minha ambição em publicá-lo aos brasileiros. Eu sei escrever para leitores estrangeiros mas o farei raramente, somente em ocasiões solenes. Já tive a oportunidade de escrever para a imprensa brasileira, mas sempre o recusei. Pode ser que chegue a escrever algo interessante, o senhor e eu quando se apresente a história verdadeira sobre os heróis poloneses-brasileiros — os colonos poloneses.

Há na minha correspondência com estrangeiros cartas que depois cessaram em respostas. É por este motivo que acuso todas as cartas com muita precisão e é também motivo porque perguntei sobre a carta que enviei em janeiro. Ao fazer a cópia de meu artigo encontrei uma frase de Przyłarski, uma frase que não repetirei. A tradução ou mesmo o resumo deste artigo feito por mim não é compromededor. Todo o resumo está contido em minha correspondência anterior.

Eis um assunto desagradável para mim. Compreendo bem que para o senhor o texto na íntegra de "Memoires" seria muito

útil e é meu dever facilitar o trabalho, mas isto está além das minhas forças. No livro "Memoires", há 200 páginas impressas e a tradução exige precisão ao pé da letra. Ela exige muita precisão. Eis então aqui minha sugestão: O senhor já conhece através de minhas cartas, os momentos mais importantes, na vida de Saporski. Por favor, indique-me os pontos mais interessantes ao senhor. No outono ou primavera X, XI, XII eu tratarei de os traduzir. Também terei que enviar a tradução do texto do Prof. Dr. Józef Siemiradzki, onde encontrará a primeira versão sobre a "peregrinação" de Saporski. Como já escrevi, ela é idêntica a da publicada no "Colonie Zeitung".

Gostaria muito que o senhor relatasse para mim sua visita ao Sandweg. É bem verdade que as pesquisas sobre Zielinski e Saporski me cansam e encaro apenas como um dever. Eu não aprecio as personagens negativas. Quando o senhor enviou os interessantes nomes dos colonos poloneses e quando mencionou Tornowski que vivia entre eles e ensinava seus filhos, chegou para mim o grande momento da literatura, tão encantadora como a leitura do livro "Brusque", escrito por Osvaldo Cabral, onde encontro sempre a cada momento traços poloneses e sobre a antiga e nova pátria. E já aqui sugiro um título marcante para seu livro: "Os pioneiros poloneses aos pés da montanha de Tayc", é um título científico e ao mesmo tempo pode ser o de um livro. Editar um livro deste tipo aqui não é problema para nós, eu sugiro este método inco-

mum. E haverá somente um autor:

José Ferreira da Silva — como já frisei anteriormente, eu sou romancista.

Quero mencionar aqui que eu me interessei imensamente sobre todas as manifestações e colaboração para um bom relacionamento entre poloneses e alemães no Brasil. Creio que tal matéria será bem lida, após tantos anos, com orgulho por poloneses e alemães no Brasil. Suas informações sobre o Sandweg anexarei a estes ótimos documentos. Eles se completarão com as outras informações que já tenho.

Para finalizar, creio haver cumprido com minha obrigação nesta carta e agora formularei algumas perguntas:

1) Ficarei muito reconhecido em receber cópias dos documentos sobre Zielinski. Se não os tem poderá consegui-los em S. Paulo?

2) A cópia do artigo do "Colonie Zeitung" e a data.

3) Será possível obter mais informações sobre Julio Melchior Trompowski e Maximiliano Baronski? São duas pessoas muito interessantes.

4) O senhor encontrou alguma coisa interessante sobre a família Tornowski, este foi o professor e dos demais professores poloneses.

Na carta anterior formulei também algumas perguntas. Se não as puder responder não precisa fazê-lo. Sei que é um senhor muito ocupado.

Com votos de muita saúde e prosperidade abraça-o cordialmente o admirador amigo

Boleslaw Mrowczynski

“Varsóvia, 6 de setembro de 1973.

Meu prezado amigo Sr. Ferreira da Silva:

Tive o prazer de receber sua carta de 30 de julho e também o mapa de Sta. Catarina. Muito obrigado. Nosso Instituto Geográfico tem belas coleções cartográficas, igualmente do Brasil, 1.200.000 que servem com grande proveito nos meus trabalhos literários. Mas na minha coleção particular o mais detalhado é o “Esquema rodoviário do Sul do Brasil” 1965 - 1:250.000 — Seu mapa será passado ao polonês também. Para mim será muito útil como instrumento manual e sobretudo será uma agradável lembrança.

Aqui segue um mapa da Polônia. Não é uma revanche. Já a muito tempo tive a intenção de enviá-lo, mas esperava uma nova edição. Por fim foi publicada.

Agora ao conteúdo de sua carta. Há muitas coisas interessantes, mas antes de tudo gostaria de formular algumas perguntas: Conseguiu as cópias dos documentos sobre Zielinski? Caso sim, ficaria grato em recebê-las. São muito importantes para mim.

1) Documento assinado por Leo de Przulski.

2) Documento assinado pelo Bispo de Liverpool.

3) Passaporte passado pelo Consulado da Alemanha de Buenos Ayres / onde deve constar a data de nascimento de Zielinski.

4) Depoimento da testemunha Carlos Müller, pois este dá o local de seu nascimento e sua ida-
de e quando chegou ao Brasil.

Mais uma pergunta: no dossiê de Zielinski não consta um curriculum vitae, escrito por ele pessoalmente, como era costume da época (bem como hoje em dia), não estará entre as atas da igreja? Este pode ser um documento realmente muito importante. Se não existir então se abre a pergunta: Por quê?

Já enviei algumas cartas aos arquivos. É possível que logo receberei alguma coisa interessante. Eu enviarei logo tudo ao senhor.

Mas já agora posso transmitir-lhe uma novidade que certamente será uma novidade sensacional: entre 1865-1876, o arcebispo “*gniesnensis et posnamensis*” de Gniezno e de Poznań, dois velhos vilarejos os mais antigos da Polônia, era o Cardeal Mieczyslaw Halka Ledochauski, assim Leo de Przulski portanto não podia assinar qualquer documento em . . . 1869 como arcebispo. Isto confirma minha tese de que os documentos no dossiê de Zielinski são na maioria falsificados, mas eu já tomei providências em verificar outras fontes. Pode ser que Przulski assinou em nome do cardeal, autorizado por este. Diante das cópias ou fotocópias eu poderei estabelecer estes fatos rapidamente.

Eu conheço muito bem o livro “Brusque” de Osvaldo Cabral. É de alta qualidade literária e de qualidades profissionais, e caracteriza bem o verdadeiro brasileiro. Principalmente a delicadeza com que encara o homem e o povo em geral. Observei seu tratamento e grande atenção que dedica a sorte dos emigrantes poloneses em Sta. Catarina em seu livro. Os traços poloneses são

muito numerosos, eles estão presentes desde a primeira a última página.

Apesar de tudo Osvaldo Cabral não menciona nenhum polonês pelo nome, mas se sente que ele se orienta bem pela nacionalidade somente — como um historiador preciso — não o fez, porque não tinha documentos à mão. É por que não tinha? Porque as autoridades alemães escreviam nos papéis de seus emigrantes poloneses de que eram “prussianos” e de acordo com estes seus papéis eram registrados nas estatísticas das Colônias em Blumenau, Brusque e Dona Francisca. Eu tenho certeza de que Osvaldo Cabral tinha conhecimento disto.

O senhor citou em sua carta fragmentos do livro “Brusque” — pgs. 143-4. Eu conheço esta passagem e mesmo chamei a sua atenção sobre ela num texto na minha última carta (pg. 2) onde se lê: “os brasileiros conheciam bem tais acusações feitas aos alemães”. Esta frase se torna bem claro quando relemos esta passagem de Cabral: — A 22 regressou adiantando a imprensa que “nada transpirou do sucedido, a respeito do levantamento dos colonos”. E por ato de 28, foi exonerado Pedro Heil do cargo de 1º. superintendente de Delegado de Polícia de Itajaí e Príncipe D. Pedro. Estes fatos são eloqüentes, também para os poloneses de S. Lots. Os colonos tinham razão em estar descontentes.

Parabéns, de todo coração, pela descoberta do artigo no “Colonie Zeitung”. É um grande sucesso nas nossas pesquisas. Ao primeiro olhar poderia tratar-se este artigo como a diversão de certos círculos chauvinistas ale-

mães contra a acusação, proclamando os poloneses fugitivos de S. Lots. Certamente o artigo tem este aspecto. Eis o que confirma: “A constatação categórica: até não havia em Brusque e tampouco na abandonada Colônia Príncipe D. Pedro um único”.

A fuga de Zielinski: a novela do ataque alemão contra o presbitério espalhou-se como em asas de passáros. Nesta ocasião havia bastante poloneses e brasileiros em Gaspar e durante o decorrer do dia chegavam novos. Ao entardecer Zielinski, com numerosa escolta, bem armada, partia para Itajaí, em três barcos.

Assim diz Saporski e aqui podemos acreditar nele. Ele relata com detalhes, precisão e emoção de um pastor de ovelhas em pleno inverno. Mas é evidente a sua juventude. Este é um fato psicológico bem conhecido, não, somente pelas psicólogas, mas também pelos médicos e creio que não vale a pena questionar. A história deve ser vista por outro aspecto. Zielinski não morava longe de Franciszeck Móccko onde morava também Saporski. Atrás de Zielinski vinham os agressores que despedaçaram as janelas, invadiram a casa e destruíram os móveis. Ele fugiu pela porta da cozinha em direção a floresta que estava próxima e foi a casa de Móccko. Ninguém o viu. E agora?

— quando chegou em casa de Móccko, estava sem chapéu, pálido, as mangas da camisa rotas.

— quando Móccko e Saporski chegaram ao presbitério, os agressores já tinham se dispersado e haviam fechado a porta atrás de si.

Certamente o senhor já encontrou a palavra exata do enig-

ma. Sim, não foi difícil. Zielinski estava apavorado, tomou toda precaução, não procurava fazer barulho afim de não atrair sobre si a atenção do inimigo. Sobre a camisa ele certamente vestiu uma batina ou outro abrigo qualquer. Não podia no entanto, esconder todas as manchas da camisa. Conclusão? Ele fez tudo sozinho, ficou apenas a camisa, foi muito fácil e menos dispendioso.

Os agressores fecharam novamente a porta. Eles não queriam ferir os padres. Conclusão? queriam somente pegar Zielinski e nada mais.

Por que então Zielinski fez este dramático espetáculo? Afim de motivar sua partida imediata de Gaspar. Ele corria grande risco, isto é verdade, mas os verdadeiros motivos eram outros. Eu já escrevi em carta anterior sobre minha suposição se alguém em Gaspar ou Blumenau descobrira algum segredo desaprovador em sua vida.

Saporski e a fuga dos poloneses de Sixteen Lots

Não há segredos sobre este evento, pois há muito tempo estão em Curitiba. Ele repete somente aquilo que contam Mócko e os homens de S. Lots, após sua chegada ao Paraná. Por isto esta passagem de "Memoires" já tem o caráter de um documento, um documento muito compreensível. Saporski nem está interessado em aprofundar-se nesta descrição: os heróis desta odisséia dramática são todos iguais, eles não existem. Razão porque diminuí os fatos. Na "versão precedente", quando hoje está em "evidência", ele fala na convocação do exército contra

os rebeldes. Nas "Memoires" ele se refere apenas a policia. Certamente este homem representava o poder governamental, perante os colonos, as tropas eram marginalizadas. Não houve no entanto, nenhuma escaramuça entre policia ou exército. Os brasileiros, como já frisei em cartas anteriores, tinham muita simpatia pelos poloneses e também já conheciam bem as acusações dos alemães. Veja "Brusque" — pgs. 143/4.

Eles eram prudentes em examinar detalhadamente todas as acusações dos alemães, mas nada faziam contra os poloneses. Confirma-se a permissão do Imperador em estabelecer os poloneses de Sixteen Lots no Paraná.

Os colonos já encontravam-se a bordo do veleiro, tendo uma proteção adicional: a bandeira do Paraná. O senhor certamente sabe que, naquela época a bandeira de outro estado era hasteada com a brasileira, como se fosse de um país estrangeiro, e com todos os privilégios. A mais perigosa passagem desta peregrinação foi até o porto. Foi, no entanto, bem organizada: os homens embrenharam-se em surdina para dentro da floresta e inopinadamente apareceram em Itajaí, tão rápidos como se tivessem vindo voando. Era em verdade uma manobra tipicamente militar, Saporski não menciona nada sobre isto em suas "Memoires". Alguns dias depois chegaram as mulheres e as crianças.

Os documentos: Como já frisei, os documentos sobre este acontecimento, desapareceram no Paraná e também Sta. Catarina. Isto é característico. Osvaldo Cabral em "Brusque" — pg. 143 fala que não existem todos os anais,

mas o que nos possa interessar encontramos não só na documentação de Brusque, mas também na do próprio governo. Pode ser que existe alguma coisa na documentação do Porto de Itajaí. A capitania do porto deve ter anotado tais acontecimentos. Deve existir algo também no arquivo do Paraná, nas atas da Comissão Colonizadora, nas atas de Pilarzinho e São Marcos. Também entre os documentos arquivados em Curitiba, nas atas paroquiais e no dossiê do vice-presidente H. de Leão do Rio de Janeiro, como também no do Padre Lima. Falarei mais sobre o arquivo do Rio de Janeiro onde deve existir o dossiê do Almirante Estanislau Przewodowski 1843-1905. Ele também pode ter deixado suas memórias.

Neste momento não parece extravagância: é preciso procurar estes poloneses de Sixteen Lots nos arquivos de Sta. Catarina e no Rio sob a denominação os irlandeses. Nas atas existentes de Brusque e do governo da Província, deve encontrar-se a palavra "poloneses". Em contrário, os irlandeses partiam de Brusque, pois não encontravam-se mais neste local dois anos depois. Estas não são apenas suposições ela é real e relida.

Dr Blumenau e os colonos poloneses de Sixteen Lots

O senhor está certo ao afirmar que Dr. Blumenau tinha influência sobre a administração de Brusque. Eu, no entanto, não tenho tanta certeza. Sem dúvida não interferia de imediato nos assuntos administrativos. ele era muito inteligente. Mas isto não

quer dizer que ele exercia uma influência sobre o destino de Brusque. Eu lhe darei bastante exemplos, de acordo com sua "Cronografia". Entre 1865-69, justamente em novembro, o mês é muito importante, Dr. Blumenau encontrava-se na Alemanha, como representante do governo brasileiro para assuntos de emigração e colonização. Isto significa: ele conhecia bem todos os transportes destinados ao Brasil e podia a bel prazer dirigir os mesmos a uma colônia por ele escolhido. Quando Wendeburg lhe escreveu sobre os projetos de Saponski e o transporte dos salesianos, seriam destinados à Brusque pelas razões que já mencionei em cartas anteriores. Era sem dúvida a influência, mesmo dizendo, grande influência sobre a sorte não só das colônias mas também dos colonos. E mais ainda: como verdadeiro pai de sua colônia, ele certamente a favorecia na escolha de colonos úteis — de acordo com sua própria exigência.

A rota: Blumenau-Brusque

É um de vossos importantes contra-argumentos. Sem dúvida conhece melhor Blumenau e seus arredores. É compreensível: o senhor as vê diariamente. Mas qualquer um que as vê como hoje em dia, descreveria sua paisagem daquela época, certamente daria uma imagem falsa. É verdade a paisagem há cem anos passados era bem diferente da de hoje em dia, é preciso, portanto, consultar mapas antigos, ilustrações e descrições.

Eu disponho entre descrições da rota Blumenau-Gaspar da época de 1870. De acordo com estas

rotas de cem anos passados, são duas rotas por terra as mais importantes: uma por Gaspar, 15km + 25km = 40km e a segunda era direta, pelos meus cálculos cerca de 30km e esta mesma podia ser percorrida por picada. Esta última passava de Blumenau pela Garcia colonial, eu já a citei anteriormente em minhas cartas sobre a rota de 1870. Logo após a Colônia Blumenau entrava-se na floresta virgem. A partir daqui a picada levava através da floresta. Ao final desta rota e no começo de Brusque, encontrava-se as barracas dos imigrantes. Para as carroças a rota de verdade era penosa. Era também perigosa devido aos botocudos. Mas durante o trajeto não se arriscavam muito, porque nós poloneses éramos bons marchadores. Fazer 60km a pé por dia não exigia esforço demais. Acrescento como curiosidade o seguinte. Durante a guerra Polonesa-Soviética em 1920, havia entre as nossas tropas de infantaria soldados para um ataque rápido. Eles eram capazes de fazer cerca de 90km por dia e a pé, desviando-se de uma série de pequenos ataques.

Como pode ver, mesmo para um homem a pé a distância não era grande. Acontece que eu, polonês da Europa, os reproveo em algo: vocês brasileiros de hoje em dia, podem orgulhar-se de um hábito antigo no Brasil, o uso do cavalo, que é digno de um monumento. Eu repito, na época do Sixteen-Lots, não somente brasileiros mas também cada imigrante respeitável tinha seu cavalo e sela afim de poder percorrer a bela terra brasileira.

Espero não tê-lo ofendido com minha descrição acima, um

pouco jacosa. Ao escrever estas palavras pensei neste povo bom, compreensível e cordial, como o senhor se refere a ele em cartas anteriores e como eu pessoalmente vejo os brasileiros de hoje e de antigamente. Para eles a distância de Blumenau a Brusque era uma bagatela, apenas duas horas e a estrada era excelente, mesmo que não se compare com a de hoje em dia.

A organização oficial e a secreta

Sinto que este problema o interessa muito. É aqui que pensei que os escritores brasileiros pensaram apenas no caso das "ninfas", mas não. Osvaldo Cabral cita os mais importantes.

Eu hoje posso falar um pouco mais audaciosamente, existia uma organização alemã secreta e é este o caso das "ninfas" entre muitas outras é o argumento mais forte. É um exemplo clássico da "doce diplomacia de Vismark", como diziam os alemães. Mesmo assim a Prússia não queria arriscar uma manifestação armada contra o Brasil sem um forte e bem organizado apoio. As colônias alemães de Sta. Catarina, certamente representavam este corpo e bem devia existir uma cabeça.

O senhor tem razão, nem o Dr. Blumenau, nem a administração de Blumenau, nem as administrações das outras colônias alemãs tomavam parte neste jogo. As organizações secretas em regra não são representadas por pessoas em evidência ou instituições. Mas em contrapartida, estes homens influenciavam nas atividades destes homens e instituições oficiais.

Onde ficava o quartel desta organização secreta? Tudo indica a Colônia Blumenau. Dona Francisca era a colônia mais brasileira na época de 1870. Em Brusque lutava-se durante todo o tempo com as influências alemãs contra os brasileiros. Somente a Colônia Blumenau sob a direção de Dr. Blumenau permanecia "echt deutsch" (totalmente alemão), não admitia tal influência — isto é muito importante, havia muitos bons organizadores.

A atividade das organizações secretas pode-se observar sobretudo nos efeitos, mas de tempo em tempo se pode encontrar anotações em documentos. Eles por certo existem nos arquivos alemães, talvez no Rio, nas atas secretas da época. Em Sta. Catarina creio que não devemos encontrar documentação nos "Cofres familiares".

Antes de escrever meus livros brasileiros, estudei também as características dos membros da administração de Blumenau e também dos homens ligados a esta administração. Quero chamar sua atenção sobre o Eng. Odebrecht. Existem em seu arquivo qualquer material biográfico e em especial sua vida pessoal e social? Para mim é um personagem de veras interessante.

E agora algumas perguntas sobre questões diversas:

1) O senhor Presidente da Câmara Municipal 1934-7 e mais tarde prefeito — José Ferreira da Silva — é a mesma pessoa? Se foi, perdoe meu desconhecimento.

2) Entre os membros da Câmara e Conselho Consultivo encontrei nomes de origem polonesa como: Dr. Frederico Kaspareck; Edmundo Bramorski; Wladislaw

Constansky e Carlos Curt Zadrozny. Poderia o senhor fornecer alguns dados sobre estas pessoas?

3) Será que o Pe. Estanislau Schaette fez alguma vez, menção de sua nacionalidade ou a nacionalidade de seus pais? O nome está muito deformado, mas o pré-nome é tipicamente polonês e muito raro entre homens de outra nacionalidade. Há dois santos com este nome e ambos são poloneses.

4) Li entre as linhas da "História de Blumenau" que o senhor é catarinense de Tijucas. Nesta região, por volta de 1853-7 viveu o professor Hieronim Durski (Jerônimo Druski) o herói de meu livro "Tetniacy step", é proprietário de um café e organista da igreja local. Sua esposa, uma pessoa muito estimada. O senhor certamente conhece bem o arquivo de Tijucas. Será que o senhor poderia conseguir alguns dados sobre este homem?

5) Uma informação: a esposa de Franciszeck Mócko era natural de Hannover? Era portanto alemã. Isto talvez facilite suas pesquisas.

6) No artigo de C. Ficker em "Blumenau em Cadernos" VIII (8) — pg. 142 encontrei a seguinte passagem: "O Arcipreste da Província... informar a presidência... "Que significa "Arcipreste"? No mesmo artigo encontra-se a carta de Dr. Blumenau — pg. 142 com partes extraídas da carta de Zielinski. Será que com esta carta de Zielinski existem outras? Caso sim, ficaria agradecido em receber uma cópia.

7) Josef Mokwa. Eu não lembro deste nome. Será que ele nasceu ou morou na Polônia? Mas isto nada significa, eu nunca

encontrei este nome. Talvez seja originário da Silésia ou Pomerânia, de uma família polonesa de longa tradição. A palavra «Mokwa» (chuva que cai) era uma palavra comum em nosso idioma, há muitos anos passados, hoje já não é mais usada.

8) Na carta de Wendeburg ao Presidente da Província está anotado o nome «Mokwa» com um ponto de interrogação. Será que

ele tinha algo a ver com a igreja ou a administração de Blumenau?

E agora permita-se fazer uso de suas próprias palavras. Muito joviais e simpáticas com que os brasileiros terminam suas cartas com votos de muita saúde, prosperidade e boa viagem ao Rio de Janeiro abraça-o cordialmente o grande amigo polonês

Boleslaw Mrowcznski"

Termos de um contrato de arrendamento da gráfica e jornal «Imigrant» do século passado

PÚBLICA FORMA — Ao Sr. Secretário para arquivar. — Julho, 23 — 85. Pres. Antunes. — Escritura de contrato particular que fazem a sociedade «Immigrant», representada pela Diretoria, autorizada para esse fim pela Assembléa Geral de oito de julho do corrente ano, e Bernardo Scheidemantel, para gerência da tipografia e publicação da folha «Immigrant» na forma abaixo:

1º. — Bernardo Scheidemantel, atual redator do jornal «Immigrant», obriga-se não só em continuar a exercer aquele cargo, como a de editar, ficando a tipografia sob sua exclusiva responsabilidade e gerência.

2º. — Todo o material tipográfico, do qual é proprietária a Sociedade, será restituído no bom estado em que se acha, substituindo o proponente à sua conta todas as partes gastas e inaproveitáveis, de maneira que aos acionistas fique garantido o inteiro valor das suas ações.

3º. — O proponente fica autorizado pela Sociedade a fazer a aquisição de um novo prelo e ma-

terial tipográfico até a quantia de 1 conto de réis R\$ 1.000\$000, sendo essa importância representada em ações da Sociedade conforme a deliberação da Assembléa Geral de 27 de abril do corrente ano.

4º. — Obriga-se a manter com toda regularidade a publicação e distribuição da folha «Immigrant» como até a presente data, sem alterar ou contrariar o programa e tendência da mesma folha, no que reserva-se a diretoria da Sociedade todo o direito e ação (deste contrato) digo ação. Não poderá publicar pelo tempo da duração deste contrato, outra qualquer folha ou jornal, quer seja por conta própria ou de terceiro, sem prévio acordo com a Sociedade.

5º. — Poderá, não trazendo prejuízos futuros ou o desmerecimento da folha, alterar-lhe o formato e ordem das matérias, exceto o título do jornal, que a Sociedade mantém como sua propriedade.

6º. — A receita e despesa resultante do custeio da tipografia, publicação e venda do jornal correrão por conta do proponente, não

tendo a Sociedade o direito de re-
c'amar lucros enquanto vigorar o
contrato.

7º. — Obriga-se de saldar to-
das as contas de dívidas da Socie-
dade, cujo ativo e passivo ficará a
cargo do proponente.

8º. — Sobre o pagamento de-
vido a Buschau sobrº. da Córte,
poderá aceitar a proposta pela mes-
ma casa feita ou pagar somente a
quantia que a Sociedade julga-se
realmente devedora.

9º. — Pe'o tempo e duração
do contrato, os acionistas só goza-
rão das vantagens da preferência
nas suas publicações gráteis, não
sendo anúncios comerciais.

10º. — Receberá todo o mate-
rial existente por um inventário de
conformidade com as contas e no-
tas dos fornecedores.

11º. — Pela terminação do
contrato nada poderá ser exigido
da Sociedade a título de indeniza-
ção ou pagamento.

12º. — O contrato vigorará pe-
lo espaço de cinco e meio anos,
finalizando-se a 31 de dezembro
de 1890.

13º. — Não convindo ao pro-
ponente continuar com o contrato
findo aquele prazo, será obrigado
a avisar a Sociedade com três me-
ses de antecedência, sem que nes-
se periodo possa abandonar os
seus deveres sob pena de indeniza-
ção pelas perdas e lucros ces-
santes.

14º. — O proponente obriga
seus bens presentes e futuros ao
bom cumprimento do contrato.

15º. — Se a todo e qualquer
tempo aparecerem divergências
entre a Sociedade e o proponente,
quer ser com relação ao cumpri-
mento das cláusulas do contrato,
quer em ajuste de contas, deve-
rão as partes contratantes recor-

rerem, como meio amigável, ao
juízo de três árbitros, sendo um
nomeado pela Diretoria da Socie-
dade, outro pelo proponente e o
3º. pelos dois primeiros, cujos lau-
dos serão submetidos à aprovação
da Assembléia Geral dos acionis-
tas.

16º. — Obriga-se o proponente
a apresentar trimestralmente à
Diretoria da Sociedade, a relação
dos imigrantes entrados e dos que
desejarem de reformar as suas as-
sinaturas, de forma que se possa
conhecer qualquer alteração que
atesta a prosperidade ou deca-
dência da folha. E por assim ter-
rem contratado, mandaram lavrar
dois de igual teor, que assinarão
com as duas testemunhas abaixo
ficando um em poder de cada par-
te. (Estava uma estampilha de du-
zentos réis inutilizada com o se-
guinte: Blumenau, 23 de julho de
1885. O Presidente José R. Antu-
nes Jr., o Tesoureiro Max Waldow,
o Secretário Paulo Schwarzer. — B.
Scheidemantel — como testemu-
nhas: Augusto Gloeden — Otto
Heyackel.

Nada mais nem menos se con-
tinha na dita escritura de contra-
to do qual bem e fielmente extrai
a presente Pública Forma, que de-
pois conferi concertei com o ori-
ginal, após achá-la em tudo con-
forme, a subscrevo e assino em pú-
blico e raso, entregando-o ao por-
tador juramentado com aquele dito
original, do que dou fé. Blumenau,
23 de outubro de 1891. Eu (Fides
Deeke) tabelião que o escrevi e
assino em público e raso.

Em testemunho P. V. da ver-
dade.

a) Fides Deeke.

raso 2.640

selo 200

2.840 F. Deeke

A NOSSA MENSAGEM

Estamos chegando a mais um final de ano feliz. Sim, feliz, porque, o que escreve esta mensagem, os que a compõem, que a paginam e a imprimem e finalmente encardernam, depois de revisada e, por último, os que a estão lendo, estão vivos e, por certo, com plena saúde.

Esta, pois, é a razão pela qual afirmamos que este fim de ano é, para todos os que citamos sem nominá-los, um fim de ano muito feliz e a repetição do que vem acontecendo ao longo das dezenas de outros anos passados.

A Fundação «Casa Dr. Blumenau» e sua publicação que é «Blumenau em Cadernos», também atravessaram este ano em plena atividade, realizações e em marcha firme para o futuro.

Sem lhe faltar o apoio da comunidade, através dos que frequentam com assiduidade as nossas estantes; de particulares que nos têm doado tantos e tão excelentes livros que vêm enriquecendo dia a dia as nossas estantes; doações também que temos recebido em obras históricas destinadas ao nosso Arquivo e ao nosso Museu; finalmente, o apoio financeiro das empresas industriais e comerciais, sem o qual dificilmente realizaríamos os objetivos culturais em pauta durante o ano, não estaríamos chegando a este fim de ano com tanto entusiasmo e a certeza de que nunca nos faltará este apoio.

É, pois, com gratidão plena que hoje registramos esta mensagem a todos os que colaboraram conosco durante 1990, manifestando-lhes o nosso reconhecimento e, finalmente, inclusive em nome do Conselho Curador, expressar-lhes o desejo de que este Natal seja, para todos, mais um motivo de plena alegria e felicidades e que o ano de 1991 lhes proporcione o mais importante dos bens que temos recebido do Criador, e que é a nossa plena saúde, porque sem esta não haverá felicidade. Portanto, caros amigos, SAÚDE A TODOS VOCÊS!

A Direção

— DIA 2 — No auditório “Heinz Geyer, do Teatro Carlos Gomes, às 21 horas aconteceu um bellissimo espetáculo artístico — Kalú Aché Dance Festival — com apresentações de números de balé, dança contemporânea, ginástica aeróbica, light exercises e sapateado. O festival, muito aplaudido, contou com a participação de academias de Blumenau, Florianópolis e Curitiba.

* * *

— DIA 2 — No anfiteatro da FURB, Bloco E, realizou-se a palestra proferida pelo professor da Universidade, Roberto Mallet, versando sobre o tema “Charles Chaplin e o trabalho do autor” um apanhando do significado do “Clown” (um personagem ou estilo de interpretar) de Charles Chaplin. A palestra fez parte da mostra “Especiais do Chaplin” e contou ainda com a exposição de 34 fotografias de cenas de filmes e da vida pessoal de Charles Chaplin, além da projeção de vários filmes de curta, média e longa metragem.

* * *

—DIA 3 — Conforme registrou a imprensa (JSC), a campeã blumenauense de xadrez, vencedora dos últimos Jogos Abertos de Santa Catarina, Regina Ribeiro, representante da Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos, conquistou também para Blumenau o título de campeã absoluta do certame Brasileiro de Xadrez, realizado no Tijuca Tênis Clube do Rio de Janeiro, no qual também esteve competindo, mais uma parceira de Regina, a blumenauense Pallas Velozo. As disputas foram individuais e duplas e as duas blumenauenses souberam dar o destaque especial com magistrais partidas. O acontecimento foi muito festejado em Blumenau.

* * *

— DIA 4 — Com a realização da solenidade de abertura e a sangria do primeiro barril de chopp (vindo diretamente da Alemanha), foi aberta a Sétima Oktoberfest de Blumenau, cuja primeira noite já contou com milhares de participantes e muita alegria e animação. As solenidades da abertura foram presididas pelo prefeito Victor Fernando Sasse e contou ainda com a presença do governador do Estado, Cildito Maldaner, além de outras personalidades do Estado e autoridades. Antecipando as soleniades na Proeb, uma das bandas alemãs que vieram animar as festividades nos 17 dias da Oktoberfest, apresentou-se na Praça Victor Konder e às 18 horas aconteceu o desfile de carros alegóricos conduzindo em direção à Proeb a Rainha da Oktoberfest e o Vovô Chopão.

* * *

— DIA 4 — No auditório do Centro de Cultura de Blumenau, foi promovido mais um encontro do Projeto Letra Viva, este destinado

especialmente às discussões para a realização do Encontro de Escritores de Blumenau.

* * *

— DIA 4 — Em solene cerimônia que contou com a presença do presidente em exercício do Tribunal de Justiça, desembargador Aloisio de Almeida Gonçalves, do presidente do Tribunal Regional do Trabalho Humberto Grillo e outras autoridades civis e militares, tomou posse no Tribunal de Justiça do Estado, o juiz Antônio Fernando do Amaral e Silva, nomeado como Desembargador na vaga do atual Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, Hélio Mosemann. Até então, o novo desembargador havia exercido, entre outros, o cargo de diretor do Forum de Justiça de Blumenau.

* * *

— DIA 7 — De acordo com informações da imprensa local (JSC) dois prêmios e quatro indicações enriqueceram o currículo do Grupo Teatral Fênix, ligado à Divisão de Promoções Culturais da Universidade Regional de Blumenau, em festival realizado em São Paulo em fins de setembro. A encenação de "Na Colônia Penal", de Franz Kafka rendeu à equipe de artistas blumenauenses o troféu de terceiro melhor espetáculo e o prêmio especial do júri para a melhor adaptação — assinada pelo diretor Roberto Mallet no 7º Festival.

* * *

— DIA 9 — Foi aberta, na entrada da Universidade Regional de Blumenau, a exposição "Ouro Preto" — Patrimônio Cultural da Humanidade. Eram 10 fotografuras e vinte fotografias convencionais, enfocando os aspectos arquitetônicos e urbanísticos e o cotidiano do Brasil Colônia. A mostra contou, também, com a exibição do vídeo "O Aleijadinho" um documentário fornecendo dados pessoais sobre o artista.

* * *

— DIA 10 — Mais de trinta mil pessoas assistiram nesta noite o desfile da Oktoberfest que contou ainda com um espetáculo com canhões de luzes que escreviam mensagens nas paredes dos prédios.

* * *

— DIA 10 — Chegou a Blumenau o consagrado maestro Helmut Högl, com sua orquestra composta por nove figuras, e que veio a Blumenau, procedente da Alemanha, para mais uma vez animar a Oktoberfest.

* * *

— DIA 11 — Sob os auspícios da Divisão de Promoções Culturais da Universidade Regional de Blumenau e do NUTE — Núcleo de Teatro Experimental do Teatro Carlos Gomes, apresentou-se às 20 horas no pequeno auditório daquele Teatro, o conhecido e aplaudido artista Walmor Chagas, com "Encontro Mercado", em que descreveu sua trajetória, como ator, no cinema, teatro e televisão.

— DIA 11 — Fazendo quadros de mímica e solos de sax, Edu Rodrigues apresentou-se às 20 horas no Teatro Carlos Gomes, com o espetáculo "Va Música Vi" e que contou, ainda, com a participação de Vanessa Binder, interpretando poesias.

* * *

— DIA 11 — Na Câmara de Vereadores de Blumenau foi aprovado, em primeira votação, o projeto que institui horário livre para o comércio de Blumenau. A partir daí, empregadores e empregados negociarão o horário de trabalho.

* * *

— DIA 13 — A imprensa noticia com destaque o grande sucesso até então alcançado pela Orquestra de Câmara de Blumenau, em excursão pela Europa, acrescentado que o público que tem assistido aos espetáculos musicais da orquestra brasileira de Blumenau, não têm negado fartos e entusiásticos aplausos. Oportuna excursão e aplausos também para os empresários que apoiaram a viagem da OCBlu.

* * *

— DIA 15 — Em consequência do violento temporal que se abateu sobre a cidade e especialmente nos bairros Garcia e Velha, aconteceu terrível tragédia, com o desmoronamento das encostas e demolição de casas, levadas pela fúria das águas, e que resultou na morte e desaparecimento de mais de vinte pessoas. O temporal não demorou mais do que trinta minutos, mas deixou uma imagem aterrorizante por onde as águas oriundas dos morros e atingindo numerosas casas, levaram as suas vítimas envolvidas em lama, tendo um dos corpos arrastados sido encontrado no dia seguinte, nas proximidades de Gaspar, no Rio Itajaí-Açu. Os bairros Progresso e Glória, no Garcia, foram os que apresentaram resultados mais trágicos. Por outro lado, o ribeirão da Velha também causou sérios estragos mas, felizmente, sem vítimas, tendo o maior desastre ocorrido na sede e dependências da S. D. Vasto Verde e algumas residências nas proximidades, invadidas pela fúria das águas, sem todavia, felizmente, causar vítimas. A notícia do acontecimento, com terríveis detalhes narrados pela imprensa e televisão do país, traumatizou toda a população brasileira.

Em face da tragédia, o prefeito Victor Fernando Sasse decretou estado de Calamidade. Além dos mortos, cerca de 40 pessoas ficaram gravemente feridas e foram atendidas nos hospitais da cidade. A luta travada pelos bombeiros, soldados do batalhão local e voluntários, bem como a Defesa Civil, foi gigantesca, na procura não só de mortos mas também de algumas vítimas que ainda foram encontradas com vida, nos escombros, e milagrosamente salvas.

* * *

— DIA 16 — Ainda traumatizada pela tragédia no bairro Garcia, população blumenauense solidarizou-se em massa, nas solenidades profundamente chocantes de sepultamento dos mortos na madrugada

do dia 14. Foram momentos pungentes de muita dor e sofrimento daqueles que perderam seus entes queridos.

* * *

— DIA 16 — Promovido pela Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes, dentro do projeto Recitais de Outubro, apresentaram-se, com recital de citara, no palco do Carlos Gomes, a partir das 19 horas, os artistas Max Demleitner e Mônica Gauche Hamp.

* * *

— DIA 17 — A imprensa local (JSC) divulga que o número de vítimas da tragédia do Garcia atinge a 23, já que os bombeiros continuam procurando corpos de seis pessoas ainda não encontradas, tendo sido já sepultados dezessete vítimas.

* * *

— DIA 17 — Chegou a Blumenau a informação de que a Legião Brasileira de Assistência liberou vinte milhões de cruzeiros para atender ao socorro aos flagelados da tragédia ocorrida no bairro Garcia na madrugada de 14 do corrente mês.

* * *

— DIA 18 — Centro de Atividades do SESC de Blumenau abriu a Feira de Livros Infantis, cujo evento teve lugar no Biergarten, com a mostra aberta no horário das 09 às 18,00 horas.

* * *

— DIA 18 — Como parte do programa Recitais de Outubro, promovido pela Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes, foi apresentado o projeto "Sai do Casulo", no pequeno auditório daquela entidade.

* * *

— DIA 19 — O prefeito Victor Fernando Sasse encaminhou à Câmara de Vereadores a proposta orçamentária para 1991, que prevê uma arrecadação de 16.686.245.000,00 (dezesseis bilhões, seiscientos e oitenta e seis milhões e duzentos e quarenta e cinco mil cruzeiros).

— DIA 19 — Em continuação ao projeto Recitais de Outubro, a Escola Superior de Música do TCG apresentou, no pequeno Auditório, o programa Hortus Musicus, um conjunto vocal e instrumental com instrumentos antigos. Hortus Musicus significa Jardim Musical e surgiu da iniciativa dos casais Hute e Helmuth Koller e Gerhild e Hans Hermann Ziel e tais atividades tiveram início já no ano de 1975.

* * *

— DIA 24 — Segundo informações da imprensa, fornecidas pelos responsáveis pelas estatísticas, nos 17 dias da Oktoberfest 959.998 pessoas compareceram às festividades, consumindo 774.672 litros de chopp, 259.995 copos de refrigerantes e 90.255 pratos típicos. Os 52 aparelhos de brinquedos no parque de diversões instalado no pátio externo da Proeb, que funcionaram durante os 17 dias, receberam 216.780 pessoas.

* * *

— DIA 19 — Foi aberta, com grande sucesso, a exposição de pintura em porcelana, denominada de SÓ PORCELANA, em Indaial.

O evento contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Indaial e a iniciativa da Fundação Indaialense de Cultura.

* * *

— DIA 24 — Nesta madrugada, aconteceu um perigoso desmoronamento de terras na rua das Missões, com o que foram arrasados cerca de 100 metros cúbicos de aterro e boa parte do leito da rua pavimentada que serve ao anel viário norte. As causas são atribuídas a infiltração de água que solapou as bases, consequências ainda dos temporais ocorridos anteriormente.

* * *

— DIA 24 — Com a participação da rede de ensino municipal e estadual de Blumenau, tiveram início os XVII Jogos da Primavera, cuja abertura ocorreu no Centro Esportivo “Bernardo Wolfgang Werner” e pertencente ao SESI. Essas competições que se realizam em Blumenau há 17 anos, têm possibilitado a revelação de virtuosos atletas que, nos anos seguintes, têm atuado com sucesso nos Jogos Abertos de Santa Catarina, vestindo as cores de Blumenau e garantindo, por certo, a longa carreira de vitórias que Blumenau tem conquistado naqueles jogos. A festa de abertura foi de uma beleza sem par, como comparecimento de numeroso público, que presenciou as evoluções dos 4.600 alunos-atletas que participaram das competições.

* * *

— DIA 26 — A representação atlética de Blumenau conquistou o primeiro lugar nos III Juguinhos Abertos realizados este ano em Tubarão, Concórdia e Joinville conseguiram o segundo lugar em número de pontos conquistados.

* * *

— DIA 26 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se a grande apresentação do Ballet Desterro, de Florianópolis, um grupo criado há seis anos e que veio a Blumenau para apresentar seu mais recente espetáculo: “Em Busca de Um Espaço Perdido”. Um notável elenco com sucesso absoluto.

* * *

— DIA 26 — Promovido pela Fundação Cultural de Pomerode e a SECTUR, foi aberta, no Centro de Turismo de Pomerode, a exposição fotográfica “Santa Catarina, Sua Arquitetura”, evento que contou com numeroso público.

* * *

— DIA — 31 — Como resultado ainda da tragédia que se abateu sobre o bairro Garcia, dia 14, foi revelado que uma pessoa morreu de Leptospirose — causada pela urina de ratos — e mais nove foram internadas em estado melindroso de saúde. A primeira vítima deste mal foi Ademir de Andrade.

* * *

— DIA 30 — Na presença de funcionários e assessores, o prefeito Victor Fernando Sasse sancionou a lei nº 1.433, que institui o Plano de Carreira dos Servidores Públicos do Poder Executivo — Prefeitura de Blumenau.

A Orquestra de Câmara de Blumenau maravilhou os europeus

Nesta época em que vivemos, quando, em face do avanço tecnológico a própria música, num grande percentual, já não oferece melodia nem poesia, ouvindo-se mais o barulho ensurdecedor de batidas em instrumentos de percussão e gritos histéricos de cantores que dominam a multidão, é muito agradável e emocionante até, constatar um sucesso sem precedentes para a cidade de Blumenau e, porque não dizer, como representante do Brasil, de uma orquestra que viaja para a Europa e recebe os mais calorosos aplausos.

Se já antes a Orquestra de Câmara de Blumenau representava motivo de orgulho para os blumenauenses pelos sucessos e aplausos que vinha colhendo no país,

por magistras apresentações nos maiores centros, agora chega até a emoção, os aplausos colhidos por este notável conjunto musical em sua turnê pela Europa.

No sucesso ora alcançado pela O.C.B., está evidenciado que muito trabalho foi feito, em ensaios, seleção de obras dos grandes mestres e o empenho dos talentosos músicos que a integram.

Por isso que, como homenagem que prestamos inclusive em nome da comunidade a esta plêiade de músicos tão bem dirigidos pelo Maestro Norton Morozowicz, vamos relacionar os concertos apresentados e, a seguir, os comentários da imprensa especializada europeia:

RELATÓRIO TURNÊ EUROPA — 1990

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BLUMENAU

Período: 30 de setembro a 17 de outubro/90

30/09 — Concerto na Alemanha, em Koenigsbach com a solista Fany Solter (pianista brasileira). Em sua estréia na Europa a Orquestra teve calorosos aplausos e deu 3 números extras. Mereceu dos críticos altos elogios. Programa: Villa Lobos, Mozart, Cláudio Santoro, Edino Krieger e Haydn.

01/10 — Gravação para o Süddeutschenrundfunk: Cláudio Santoro, Edino Krieger e o concerto de Ronaldo Miranda com a pianista brasileira Martina Graf.

02/10 — Iniciada gravação do novo disco da Orquestra com Mozart, concerto KV 271 com a pia-

nista Fany Solter e Haydn, Trauer Symphonie. As gravações foram feitas nos estúdios do castelo Gottesaue.

06/10 — Concerto em Brno Zerotín Concert Hall. Sucesso absoluto de público; a orquestra deu 4 extras de compositores brasileiros e latino americanos. Este concerto aconteceu dentro do International Festival of Music e entre outras atrações teve o Quarteto Janacek, a Filarmônica de Brno e a de Ostrava, o Trio de Praga, Quarteto Medici, Elisa Monte Dance Company, entre outros. Programa: Alberto Nepomuceno, Tchai-

kovsky, Martinu, Villa Lobos e Haydn.

07/10 — Concerto em Praga no Smetana Hall, sede da filarmônica de Praga, teatro lotado. Orquestra aplaudida calorosamente, deu três extras. Atuação esplêndida da pianista Martina Graf concerto de Mozart KV 414. Presença do Embaixador do Brasil e de muitos músicos tchecos importantes. Programa: Alberto Nepomuceno, Mozart, Villa Lobos e Haydn.

09/10 — Concerto em Salzburg na Grande Sala do Mozarteum com a pianista japonesa A-kiko Sagara. Programa: Villa Lobos, Mozart, Cláudio Santoro, Edino Krieger e Haydn.

Volta para Alemanha. Término da gravação do disco Mozart e Haydn 11/10 Concerto no Castelo de Gottesaue com a pianista Fanny Solter como solista. Programa: Tchaikovsky, Mozart, Henrique de Curitiba, Edino Krieger e Haydn.

14/10 — Concerto em Balingen na Eckenfelder Saal do Stadthale de Balingen. Solista: Martina Graf, pianista brasileira. Programa Villa Lobos, Ronaldo Miranda, Cláudio Santoro, Edino Krieger e Haydn.

17/10 — Concerto e gravação em Saarbrücken. Local Saarlaendischer Rundfunk Programa: Villa Lobos, Ronaldo Miranda. Cláudio Santoro, Edino Krieger e Haydn.

EXTRATO DAS CRITICAS DA TURNÊ EUROPA SETEMBRO 1990.

SALZBURG VOLKSBLATT
12-10-90

1 — ...Um corpo sonoro realmente de gala demonstrando reverência perante os compositores continentais Haydn e Mozart.

2 — ...O «Jeunehomme Konzert» recebeu uma acentuação altamente dramática e precisa.

...seríssimo enfoque da Trauer Symphonie que atingiu verdadeiro e exclusivo «Ponto Alto».

3 — ...Imagens de Nova Friburgo de Edino Krieger, exemplo de avançado padrão de composição.

**SALZBURGER
VOLKSZEITUNG**

11-10-90

...com as Bachianas Brasileiras de Villa Lobos, a Orquestra de Câmara de Blumenau provou seu capital: uma desenvolvida cultura de cordas que indica um sério trabalho de ensaios.

...a Trauer Symphonie recebeu, pela qualidade da orquestra, um claro colorido.

... Morozowicz soube deter sua esfuziante orquestra às prescrições da riqueza de sons, deixando à vontade a Pianista

**BADISCHE
NEUESTE NACHRICHTEN**

04-10-90

...Norton Morozowicz, um enérgico e sólido regente.

LIDOVÁ DEMOKRACIE (Praga)
13/10/90

«Sensibilidade camerística muito equilibrada, tecnicamente competente com um som homogêneo e dinamicamente trabalhado. Sob o ponto de vista de expressividade, a Orquestra tem uma sonoridade cantabile com brilhantes matizes nas cordas».

PFORZEIMER ZEITUNG
05-10-90

...a apresentação das Bachianas Brasileiras nº. 9 de Villa Lobos, expressou significativo tesou-

ro sonoro levando a platéia à um espontâneo reconhecimento do potencial da Orquestra de Câmara de Blumenau.

...digna de ac'amação a sugestiva e terna regênc'ia do dirigente Norton Morozow'cz que conseguiu extrair dos violinos toda a doçura das cantilenas Mozartianas.

...imagens de Nova Friburgo de Edino Kr'eiger trouxe um gigantesco quadro e uma peça musical de rara imaginação.

... na Trauer Symphonie (44) de Haydn, a Orquestra de Câmara de Blumenau mostrou interpretação de temperamental e maravilhosa sonoridade.

...praticamente incrível a vitalidade do Primeiro Violino tocando (Piazzolla) com quente e relampejantes sons.

SALZBURGER
NACHRICHTEN...
11-10-90

...Orquestra de Câmara de Blumenau: um som disciplinado e homogêneo. Característica e vantagem do conjunto.

NEUESTE NACHRICHTEN
Karlsruhe — 11-10-90

...Mozart: soberana e elegante conclusão para a noite de concertos da Orquestra de Câmara de Blumenau.

... Orquestra de Câmara de Blumenau: brioso som de cordas.
...Norton Morozowicz: filigranas na diferenciação dinâmica.

...Orquestra de Câmara de Blumenau: entre o dramático e o lírico

O QUE IMPRIMIMOS NESTE ANO DE 1990

A pequena gráfica existente nesta Fundação, atravessou o ano de 1990 produzindo talvez até mais do que normalmente seria possível esperar, já que suas máquinas são todas de dezenas de anos passados. Na época moderna em que vivemos hoje, quando as poderosas e eficientes máquinas gráficas ou litográficas produzem milhares de impressos coloridos em poucos instantes, muitos ficam admirados em ver a nossa pequena gráfica alcançar tão elevado índice de produção.

A realização de tão variada produção deve-se, em grande parte, aos profissionais que desempenham suas funções aqui na tipografia. São eles verdadeiros artífices que, aliando seu entusiasmo pela profissão à reconhecida capacidade técnica, chegam, no dizer

de muitos autores de livros aqui impressos, a fazer verdadeiros milagres. Bom seria se em todas as gráficas deste país houvesse profissionais tão capazes e dedicados como os que mourejam em nossas oficinas!

Graças a esta dedicação, vamos à estatística da produção da nossa tipografia durante o corrente ano:

Primeiramente devemos lembrar que de dez em dez dias, é composto e impresso o jornal oficial da Prefeitura, trazendo todos os atos oficiais do Executivo e também do Legislativo. Em seguida, as edições mensais desta revista «Blumenau em Cadernos», que ocupa cerca de dez dias de serviços em geral, desde a composição até a encadernação.

Este ano, também foi compos-

to e impresso o maior Livro de Leis, Decretos e Portarias da Municipalidade, o qual atingiu nada menos do que 704 (setecentas e quatro páginas). A sua encadernação está sendo feita através do sistema artesanal de costura, num trabalho paciente dos nossos encadernadores. Também estão em fase de conclusão os livros dos autores Martinho Bruning (TEXTOS MÍNIMOS). Foram impressos, no começo do ano, de Enéas Athanázio «O Perto e o Longe», e o livro de Terezinha Manczak «Resgate da Emoção». Acha-se no prelo e será entregue no começo do ano o segundo livro de Enéas Athanázio «O Perto e o Longe» — Vol. II, com o subtítulo «Viagem Literária».

A Fundação «Casa Dr. Blumenau» tem como projeto destinado a ser executado a partir de princípios de 1991, a edição do livro do historiador José Deeke — «História de Blumenau», que foi editado em

língua alemã por uma editora de São Leopoldo, em 1917 e que agora, traduzido para o português, será editado por esta Fundação. Este livro de José Deeke, representa, nas pesquisas que oferece, as raízes autênticas de nossa história, já que nele estão informações prestadas pelos pioneiros que aqui chegaram em 1850. Também serão reeditados os livros do Prof. J. F. da Silva — «O Doutor Blumenau» em língua portuguesa e em alemão, assim como, do mesmo autor, a reedição de «Cronografia do Doutor Blumenau».

Com estas publicações e outras que ainda haverão de vir, esta instituição cultural e histórica continuará no trabalho de resgate de nossa história, visando dar às gerações que se sucederão pelos anos afora, material importante para sua identificação com a história de nossa colonização e os movimentos culturais que aconteceram ao longo de tantos anos desde 1850.

PADRE RAULINO REITZ

É com o mais profundo pesar que registramos, nesta edição de «Blumenau em Cadernos», o falecimento, ocorrido dia 20 último (novembro), às 8:15 hrs., do notável cientista Raulino Reitz, autor de tantas obras sobre botânica e figura que, durante os longos anos de sua atividade científica, prestou os mais assinalados serviços a Santa Catarina e ao Brasil, na defesa do meio ambiente, da ecologia e, enfim, na preservação do verde, da natureza em geral.

Padre Raulino Reitz, que atuou também junto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, aonde deixou marcas históricas de seu trabalho, era um valioso colaborador desta revista, à qual sempre prestigiou com importantes trabalhos científicos que ficam assim, preservados em nossos arquivos nas coleções desta revista.

O sepultamento do admirado e aplaudido cientista catarinense, deu-se no cemitério de sua cidade natal, a cidade de Antonio Carlos, aonde nasceu a 19 de setembro de 1919.

ÍNDICE

Centenário do nome BRUSQUE — Maria do Carmo R. K. Goulart	02
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	03
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	06
Escola Alemã quer conhecer Blumenau que deu nome a um bairro de Munique - Redação	07
Colonização — Imigração — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	08
CLINDA — Hermes Justino Patrino	11
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	12
Colonização — Serviço Braçal — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	15
Em busca de origens de Suzana Mezzadri — Prof. Pe. Carlos Alberto Pinto da Silva	16
Schrader comemora 130 anos com trabalho de cinco gerações — Redação	19
Cartas — Silveira Jr.	23
A disciplina na escola — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	24
Aconteceu... (Dezembro de 1989) — José Gonçalves	29
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil — Eugen Kiesen	31
Schuermann Equipamentos Industriais Ltda. atinge seus 43 anos — Redação	32
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	34
Imigração — Colonização — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	37
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	40
Planejamento faz avaliação de atividades com vistas ao Seminário da Administração — Redação	41
«O amigo escrito» — Hermes Justino Patrino	43
Die «Neue Deutsche Schule» «A Nova Escola Alemã» — Extraído de «Blumenauer Zeitung»	44

Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	48
ECOLOGIA — O futuro da nossa exportação de madeira e a preocupação com o reflorestamento — E. G.	51
Aconteceu... (Janeiro de 1990) — José Gonçalves	55
Cartas — Hermes Justino Patrianova	56
Restaurando o nosso mais antigo patrimônio — Redação	58
Na antiga colônia de Joinville (A primeira exposição agroindustrial) — Elly Herkenhoff	59
O que liga Hasseifelde (DDR) a Blumenau (Brasil) - José Gonçalves	66
Na antiga colônia de Joinville (A primeira exposição agroindustrial) — Elly Herkenhoff	67
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	69
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	71
Um importante fato histórico (1º. Batalhão de Polícia Militar amplia seu sistema para maior segurança da comunidade do Vale do Itajaí) — Redação	76
Paranambucu (HJP) — A propósito de Paranambucu — Hermes Justino Patrianova	80
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	82
Frei Braz Reuter (O.F.M.) — José Gonçalves	84
Pequenos cidadãos de Eifel se tornaram grandes brasileiros — W. K. Michels Koblenz	85
Ecologia — Reservas Florestais — Reflorestamento — José Deeke	87
Um pouco mais de história do aldeamento «Duque de Caxias» — Redação	90
Enéas Athanázio — expoente da Literatura Catarinense — Ribeiro Ramos	92
Aconteceu... (Fevereiro de 1990) — José Gonçalves	95
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	98
Ecologia — Devastação dos matos — Dr. F. K.	100
Primeiro Ofício de Registro de Imóveis completou 100 anos de instalação — Redação	103
Cartas — Urda Alice Klueger	105
Figura do Presente (Waldemar Thiago de Souza e sua família de at'etas) — José Gonçalves	107
Imaruí — Indaial — Hermes Justino Patrianova	113
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	114
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	116
Casa Dr. Blumenau recebe trajes típicos — José Gonçalves	118

Apicultura — Problema das abelhas e dos produtos de açúcar — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	119
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	120
Aconteceu... (Março de 1990) — José Gonçalves	122
Publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	126
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	130
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkendorff	134
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	137
Os alemães na floresta brasileira — Hugo Zoeller	139
Aconteceu... (Abril de 1990) — José Gonçalves	155
Cartas — Silveira Júnior	157
Apicultura — Caso das abelhas — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	158
Cartas — Hermes Justino Patrianova	162
Subsídios Históricos — Coordenação e trad. de Rosa Herkenhoff	163
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	165
Figura do Passado (Hermann Hering Sen.) — Traduzido do jornal «Der Urwaldsbote» por R. Haetinger	168
Cônsul da R.D.A. retorna a seu país — Redação	172
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	173
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	175
Projeto «Intercâmbio de informações entre o Arquivo Histórico de Joinville e a República Federal da Alemanha» — Maria The-reza Boebel	177
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	182
Ecologia — Fabricação de artefatos de madeiras em Blumenau — L. Schlossmacher	184
Os cem anos da Paróquia Evangélica Luterana de Indaial — P. Af-fonso Thiel	185
Uma viagem a Florianópolis no começo do século — Extraído do «Der Urwaldsbote»	189
Aconteceu... (Maio de 1990) — José Gonçalves	190
Um espetáculo teatral nos faz reviver a nossa saudosa estrada de ferro — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	192
O primeiro tabelão de Joinville — Antônio Roberto Nascimento	193
Aspectos da comarca de Itajaí em 1887 — Transcrição de relatório assinado pela administração da Comarca de Itajaí	102

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	105
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	109
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	110
A história da estrada para o «Spitzkopf»	113
Guabiruba — Guaramirim — Hermes Justino Patrianova	116
Ecologia / Liga das Serrarias	117
Aconteceu... (Junho de 1990) — José Gonçalves	119
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	121
Nestor Seara Heusi — (Nota de falecimento) — Redação	123
Bodas de Ouro — (Francisco Filgueiras — Da. Aracy) — Redação	124
Figuras do Passado — (Nestor Seara Heusi) — José Gonçalves)	158
Ecologia — Fundação do Clube do Spitzkopf	160
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	163
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	165
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	167
Empresários blumenauenses premiados na exposição de 1890 — Extraído do Blumenauer Zeitung»	169
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	170
Um pouco da História de Apiúna — Miguel Deretti	175
Figura do presente — (Erich Baumgarten) — Entrevista de José Gonçalves e Sueli M. V. Petry	176
Aconteceu... (Julho de 1990) — José Gonçalves	181
Em defesa do índio — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	184
Taiá x Taioba — Hermes Justino Patrianova	185
Uma carta de despedida do Prof. Max Humpl em 1928 — Redação	187
Cervejas históricas — Redação	188
Prof. Hermann Suessegger (Nota de falecimento) — Redação	188
O diário do Conde F. C. Raben sobre sua visita à Colônia São Pedro de Alcântara (SC) em 1835 — Raulino Reitz	190
A história da estrada para o «Spitzkopf»	198
Câmara dos vereadores da cidade de Hesselfelde e o prefeito, saudam Blumenau — Redação	200
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	201
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rose Herkenhoff	204
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	206

O aniversário do Bela Vista Country Club — José Gonçalves	209
O problema das enchentes — Celso Liberato	211
Um jardim modelo na Colônia — Extraído do «Colonie Zeitung» ...	212
A literatura da imigração alemã de Santa Catarina — Prof ^a . Valburga Huber	213
A Família Blumenau — Sueli M. V. Petry	215
Aconteceu... (Agosto de 1990) — José Gonçalves	217
Literatura em língua alemã de Santa Catarina — Prof ^a . Valburga Huber	222
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	225
Como foram comemorados a «Festa das Árvores» e a Semana de Proteção dos Animais em Blumenau — Redação	226
Os homens que fazem Laguna — Agenor dos Santos Bessa	227
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	229
Tubarão — Hermes Justino Patrianova	231
A passagem de Belmar por Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	233
Catarinenses do século passado na Feira Internacional de Chicago — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	234
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	235
Um pouco da História de Apúna — Miguel Deretti	238
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local — Extraído do «Blumenauer Zeitung»	240
Guarnições militares — Edith Kormann	242
Aconteceu... (Setembro de 1990) — José Gonçalves	249
A descendência Cornélio de Arzão em Santa Catarina	254
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	267
«A Cruz do Campo»	270
A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local	271
Subsídios históricos	275
Uma blumenauense de 80 anos conta sua vida	276
O custo do imposto sobre o fumo no século passado	291
Autores catarinenses	293
B a t u r i t é	296
A Colônia Polonesa em Santa Catarina	297
Termos de um contrato de arrendamento da gráfica e jornal «Imigrant» do século passado	308
A nossa mensagem	310
Aconteceu... — Outubro de 1990	311
A Orquestra de Câmara de Blumenau maravilhou os europeus	316
O que imprimimos neste ano de 1990	318
Padre Raulino Reitz	319

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA